

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

RICARDO SÉRGIO NASCIMENTO ROSAS

**O QUE NOS DIZ A LITERATURA SOBRE O FUTEBOL?**

Uma análise da obra Desporto-Rei de Romeu Correia

Recife

2023

RICARDO SÉRGIO NASCIMENTO ROSAS

**O QUE NOS DIZ A LITERATURA SOBRE O FUTEBOL?**

Uma análise da obra Desporto-Rei de Romeu Correia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos literários.

**Orientador:** Profº Dr. Oussama Naouar

Recife

2023

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

R789q Rosas, Ricardo Sérgio Nascimento  
O que nos diz a literatura sobre o futebol? Uma análise da obra Desporto-Rei de Romeu Correia / Ricardo Sérgio Nascimento Rosas – Recife, 2023.  
73f.

Sob orientação de Oussama Naouar.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Futebol. 3. Romeu Correia. I. Naouar, Oussama (orientação). II. Título.

809 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-173)

RICARDO SÉRGIO NASCIMENTO ROSAS

**O QUE NOS DIZ A LITERATURA SOBRE O FUTEBOL?**

UMA ANÁLISE DA OBRA *DESPORTO- REI* DE ROMEU CORREIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos literários.

Aprovado em: 30/08/2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Dr. Oussamar Naouar (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof. Dr. Ricardo Postal (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. João Batista Pereira (Examinador Externo)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Para Samantha, Gilmara e Manoel (*in  
memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter traçado ainda no ventre de minha mãe o caminho que segui até aqui.

À minha mãe por ter me mostrado que o caminho que deveríamos seguir para mudar as nossas vidas era o da educação.

Ao meu pai por ter sido o exemplo de homem íntegro que eu busco seguir, e que me apresentou o amor por um clube de futebol, que será passado de geração em geração.

À minha esposa Samantha que não me deixou desistir no dia da apresentação do projeto e em nenhum dia em que eu quis abandonar tudo. Este trabalho faz parte da nossa história.

À todos os amigos que sempre me apoiaram e ajudaram.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Oussama Naouar por enxergar o valor que existia em meu projeto.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Ricardo Postal e Prof Dr. João Batista Pereira pela generosidade em aceitar o convite.

## RESUMO

A presente dissertação, que possui como tema central a intenção de desvelar a razão pela qual existe um distanciamento entre a prática esportiva – mais especificamente o futebol – e a literatura, através da obra *Desporto-Rei* (1955), de Romeu Correia. O aporte teórico foi desenvolvido a partir de Balsemão (2008), Castanheira (2009) e Condeixa (2017) para uma caracterização do escritor Romeu Correia; para compreender a separação entre o esporte e as artes, bem como para compreender o caminho de uma possível aproximação da literatura com temas não provenientes da alta sociedade, recorremos à Bourdieu (1983), Nietzsche (2009), Vanoyeke (2004), Elias e Dunning (1992) Rancière (2009) e Schaeffer (2013); para refletir sobre as características que dão ao futebol uma possível visibilidade como arte e matéria literária dialogando com a própria evolução histórica do esporte, recorremos à Cornelsen (2006), Nascimento (2014), Filho (2010), Wisnik (2008), Serrado (2009), Kumar (2014), entre outros. Ademais, foi construído um caminho com base em Compagnon (1999) e Candido (2000) que fomenta a possibilidade de se alcançarem significados ulteriores aos iniciais de uma obra literária em diálogo com a sociedade e o leitor. Com as reflexões construídas a partir dos teóricos mencionados, concluímos que a literatura, ao abrir espaço para o futebol, demonstra como ambos podem ser confrontados como manifestações que sofrem mutações, situando-os em um “novo lugar” que não deve ser visto como inferior ao que ocuparam no passado.

**Palavras-chave:** Literatura; futebol; Romeu Correia.

## ABSTRACT

This dissertation, which has as its central theme the intention to unveil the reason why there is a gap between sports practice - more specifically football - and literature, through the work *Desporto-Rei* (1955), by Romeu Correia. The theoretical contribution was developed from Balsemão (2008), Castanheira (2009) and Condeixa (2017) for a characterization of the writer Romeu Correia; to understand the separation between sport and the arts, as well as to understand the path of a possible approach of literature with themes not coming from high society, we resort to Bourdieu (1983), Nietzsche (2009), Vanoyeke (2004), Elias and Dunning (1992) Rancière (2009) and Schaeffer (2013); to reflect on the characteristics that give football a possible visibility as art and literary matter dialoguing with the very historical evolution of sport, we turn to Cornelsen (2006), Nascimento (2014), Filho (2010), Wisnik (2008), Serrado (2009), Kumar (2014) among others. In addition, a path is built based on Compagnon (1999), Candido (2000) that fosters the possibility of achieving meanings subsequent to the initials of a literary work in dialogue with society and the reader. With the reflections built from the mentioned theorists, we conclude that the literature, by making room for football, demonstrates how both can be confronted as manifestations that suffer mutations, inserting them in a "new place" that should not be seen as inferior to what they occupied in the past.

**Keywords:** Literature; football; Romeu Correia.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1.1	O lugar popular nos regimes de cultura elitizada .....	12
1.2	Esportes e arte: separação de regimes estéticos.....	14
1.3	A Verdade Nos Resultados .....	19
<b>2</b>	<b>ROMEU CORREIA: A SUA VISÃO</b> .....	23
2.1	Sábado sem sol e Os Tanoeiros .....	26
2.2	Crítica E Neorrealismo .....	29
<b>3</b>	<b>O LUGAR DO FUTEBOL NA SOCIEDADE E NA LITERATURA</b> .....	36
<b>4</b>	<b>CONTEXTOS</b> .....	46
<b>5</b>	<b>DESPORTO-REI (1955) E A PERDA DA PUREZA</b> .....	52
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	65
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	69

## 1 INTRODUÇÃO

Compagnon (1999), ao discorrer sobre a teoria da literatura, conclui que ela nos ensina relativismo, não pluralismo. Isso implica dizer que várias respostas são possíveis, mas não podem coexistir; elas são aceitáveis, mas não compatíveis e não contribuem para uma visão total e mais completa da literatura. Em vez disso, elas se excluem mutuamente, porque se referem a diferentes objetos literários.

Assim, a pesquisa literária é limitada pelo fato de que não é possível estudar tudo ao mesmo tempo e, por isso, é necessário escolher. Por conseguinte, as decisões literárias são influenciadas por normas extraliterárias, como ética e existencialismo, que regem outros aspectos da vida. E se amamos a literatura, já tomamos uma decisão sobre nossas escolhas literárias, baseando-nos em nossas preferências.

De acordo com as reflexões de Compagnon acerca da teoria da literatura, reconheço que as minhas escolhas literárias, de fato, não negam as influências extraliterárias da minha vida, o que me faz percorrer um caminho não segregacionista dentro dos estudos literários, como diz Schaeffer (2013).

De origem humilde, o fascínio ao me encontrar em romances a partir das diversas realidades que se assemelham à minha, de certa maneira, foi inevitável e me conduziu a um encanto ainda maior por obras que demonstrassem de algum modo a minha realidade. Por isso, houve um apreço por romances neorrealistas, pelo fato de possuírem em seu caráter uma busca pela denúncia dos problemas sociais, que continuam a se reverberar em meu tempo.

Não obstante, apesar de na atualidade existir uma maior aproximação do homem comum à literatura, um aspecto me pareceu ausente no mundo da literatura: o pouco que se fala sobre obras que colocam em destaque o futebol. Elemento sempre presente na vida cotidiana, o futebol tem como pano de fundo importantes momentos históricos e dentro de campo também produz, através da sua linguagem, situações que podemos encarar como artísticas.

Atualmente, ao lembrar de minha infância, poucas coisas são mais vivas em minha memória do que as deslumbrantes narrações ouvidas em um pequeno rádio de pilha, presente do meu pai. O narrador, que sempre pareceu onisciente, descrevia maravilhosamente os sucessos e os infortúnios realizados pelos personagens ora

comuns, ora heróis, nas batalhas campais do futebol. As guerras ali travadas, sempre sendo noticiadas no dia seguinte, mostrando os efeitos que aquelas ações praticadas por meros jogadores na assistência que sempre está presente. Àquela altura, nada sabia sobre arte, prosa ou poesia, mas já reconhecia que o futebol não era apenas “futebol”.

Por essa razão, muitos anos depois, entrar em contato com o escritor português Romeu Correia e seu romance *Desporto-Rei* (1955), foi vislumbrar uma possibilidade de clarear, mesmo que minimamente, os estudos sobre a relação entre a literatura e o futebol e mais do que isso: demonstrar como o futebol, assim como a literatura, pode ser compreendido, desde determinado ponto de vista, a partir dos efeitos que causa nos seus leitores. No caso do futebol, nos seus praticantes e espectadores.

Nesta investigação não se negou a possibilidade de que Romeu Correia tenha escrito o romance *Desporto-Rei* (1955) com alguma intenção. Como será visto no capítulo dedicado à sua escrita, a característica marcante de suas obras é a denúncia de problemas sociais vivenciados pelo romancista e que, por ele conhecer na pele o que denunciava, algo de sua individualidade pode ser demonstrado em suas obras.

Entretanto, também não se negará que a literatura pode ser e é mais do que uma ilustração de determinado momento histórico. Ela pode assumir, como qualquer outra forma de expressão artística, um instrumento de ensinamento e transfiguração da realidade, ao entrar em diálogo com o social.

Desse modo, *Desporto-Rei* (1955), será aqui visto como um romance neorrealista que denunciava os problemas de sua época, mas que não tem a sua significação encerrada neste ponto. Ao buscar ensinar algo através do futebol na literatura, Romeu Correia rompe com barreiras impostas por divisões sociais e leva a literatura a um lugar que ainda não era comum.

Destarte, no primeiro capítulo desta dissertação, nos dedicamos a refletir, inicialmente, sobre a origem da separação entre as artes e os esportes. A partir da perspectiva de Bourdieu, observamos que essa separação existe tão somente por habitarem lugares sociais distintos.

Nesse sentido, chegamos à conclusão de que uma relação de convergência entre os esportes e a arte é possível, embora na história de ambos essa proximidade não tenha sido reconhecida ou negada, baseando-nos em Rancière (2009) e Bourdieu (2004).

Com a intenção de apresentar a perspectiva literária que nos baseamos nesta dissertação, em um diálogo entre Platão (2000), Aristóteles (2004), Badiou (1998) e Compagnon (1999), demonstramos como a arte e a literatura podem ser vistas não como algo fechado e sim com uma abertura a novas possibilidades de significação a partir de sua relação com o leitor, dando-nos a possibilidade de verificar os seus resultados na sociedade.

No segundo capítulo desta dissertação, nos dedicamos à vida e obra de Romeu Correia e em como a sua vivência em Almada, cidade portuguesa onde nasceu e viveu, contribui de modo imperativo para a visão de mundo retratada nos seus escritos, quer sejam eles contos, ou romances. Buscou-se, desse modo, contribuir para a fortuna crítica do escritor, em virtude de sua escassa referência, seja em trabalhos acadêmicos ou nos manuais de literatura em língua portuguesa.

Ainda nesse viés, a fim de se traçar o perfil do escritor supracitado, fizemos a apresentação de duas de suas obras: *Sábado sem sol* (1947) e *Os Tanoeiros* (1976), pois elas auxiliam na compreensão do projeto estético do escritor e servem de base para o que será apresentado na obra chave deste trabalho.

*Os Tanoeiros* (1976) se trata de um romance no qual Romeu Correia retrata a decadência da tanoaria, que consiste na fabricação de vasilhames de madeira para o armazenamento de vinho; *Sábado sem sol* (1947), por seu turno, é um livro de contos em que, ora se baseia na denúncia de uma transitoriedade de épocas na vida laboral de sua cidade Almada, ora nos apresenta questões voltadas para os sentimentos humanos que não conseguem se afastar de sua vida no trabalho.

As duas obras foram vistas, portanto, como a indicação de um padrão seguido por Romeu Correia em suas obras no que tange à temática, legando-nos, por conseguinte, a possibilidade de se estabelecer um diálogo entre elas e a principal obra a ser analisada neste trabalho, que diz respeito ao romance *Desporto-Rei* (1955).

Em seguida, apresentaremos então a sua relação com o neorealismo português e como o referido escritor era visto pela crítica literária de seu tempo, o que julgamos reverberar até os dias atuais, em vista da baixa visibilidade que o escritor possui até os dias de hoje. Trata-se de um escritor que não se conhecia como pertencente a uma escola literária, mas que era relacionado a ela por causa de sua temática e por essa razão

Posteriormente, foram apresentados os contextos históricos que impulsionaram os afastamentos e convergências dos dois temas tratados nesta

dissertação: o futebol e a literatura. Em primeiro plano, foi tratado o início do movimento humano sendo reconhecido como primordial para a sua existência com base em Vanoyeke (1992) e o equiparamos a literatura, em vista do que é dito por Candido (2000), que reconhece a fabulação como direito inerente a todos, assim como o movimento, que em algum momento da história da humanidade se converteu no que hoje chamamos de esporte. Nesse momento, apresentamos os questionamentos: por que há um afastamento da literatura da prática esportiva – neste caso, especificamente do futebol – e de onde ele vem? a fim de chegarmos no caso específico português, que é o caso do romance lido.

Em seguida, apresentaremos os contextos específicos do quadro histórico português que foi pano de fundo do romance, baseando-nos em Serrado (2009), Kumar (2014) e Domingos (2014). As problemáticas específicas do romance *Desporto-Rei* (1955), dão conta, da transição do amadorismo à profissionalização do futebol em Portugal. Transição essa que atinge o homem comum, principal elemento da ficção de Correia.

No último capítulo, julgamos entregar uma leitura do romance que não só demonstrou como o autor refletiu nas personagens, os efeitos que o futebol profissional pode causar nos indivíduos que o praticam, encarando-o de modo análogo às artes e a literatura, a partir das observações e preocupações sociais, mas que também observou uma percepção atual em sua conclusão.

### 1.1 O lugar popular nos regimes de cultura elitizada

O verbo nascer, por possuir uma natureza intransitiva, não necessita de complemento. Por sua vez, pode receber modificadores verbais que lhe acrescentam circunstâncias. Ao trazer este conceito para a vida, verificamos que um sujeito ou alguma coisa tem o seu nascimento em determinado lugar e esse lugar determinará as circunstâncias de sua existência até segunda instância, quando algum outro fator externo poderá modificá-lo.

Ao aceitar a ideia de que vivemos em uma sociedade dividida em classes, reconhecemos que, a alguns, por mera casualidade do destino, é dado o direito de já nascer em uma circunstância que lhe coloca em um lugar social privilegiado, onde poderá ter acesso a tudo que lhe possibilite uma vida segura, inclusive

intelectualmente, se assim o quiser.

Em contrapartida, aquele que nasce nas circunstâncias que o colocam em um lugar inferior, possui grande chance de inclusive nem se dar conta da posição social que ocupa. Ainda assim, os desejos do homem popular são os mesmos dos que ocupam a elite: comer, beber, ouvir e fazer música, falar, contar e ouvir histórias, enfim, ter uma vida que julgamos todo homem ter direito a viver.

Com isso, coisas e atividades são produzidas nesses dois lugares: no popular e no elitizado. Porém, resulta praticamente impossível que ambos os lugares ofereçam as mesmas condições de produção. Em um, pode-se trabalhar menos e ter momentos de lazer, abstração, fruição; no outro, apenas o trabalho, muitas vezes durante todos os dias da semana é a única opção que o homem tem para se manter vivo. A educação, que majoritariamente fica em segundo plano, acaba não tendo muitas chances de fazer o seu papel e mudar esse cenário.

Essa hierarquização da vida comum, infelizmente, é transposta também para os bens culturais, como a arte. As preferências por determinadas práticas culturais (museus, concertos, exposições, leituras) são influenciadas pelo nível de instrução e, posteriormente, à origem social do indivíduo. Por consequência, a hierarquia que existe dentro das artes, corresponderá ao nível social dos seus consumidores.

Nesse sentido, a razão de muitos não se interessarem por determinado tipo de arte, é pelo simples fato de não terem sido preparados para recebê-la. Nascer e crescer no lugar do popular significa praticamente não ter acesso ao que é considerado cultura. E quando se tem, a sua qualidade é reduzida ao nome de “cultura de massas”, como se o fato de determinada obra estar dizendo algo a muitas pessoas de forma diferente fosse inferior por isso.

A escolha por um caminho retrospectivo, seja da arte, da literatura ou do esporte, tem a sua razão pelo fato de que resulta difícil, ou até mesmo impossível, estudar ambos os temas e não se colocar neles. Ocupar um lugar que hoje permite o estudo dessas divergências e convergências deve ser visto como uma oportunidade de, mesmo que minimamente, contribuir para que elas sejam dirimidas.

Nesse sentido, aqui, tivemos o intuito de desvelar a hierarquização cultural não apenas com o intuito de mostrar as diferenças, mas também de desconstruí-las, afinal são meros frutos de injustiças que nomeiam as vítimas como ignorantes e seus bens como inferiores.

Observar as suas origens é reconhecer que seus produtos são frutos das

necessidades dos homens; seus crescimentos e difusões, resultados do tempo livre e dos recursos que dispunham para fazer isso acontecer, o que tem relação com a desigualdade estabelecida em uma sociedade capitalista.

Felizmente, alguns dos bens culturais atravessam essas barreiras, seja pela sua força, seja pela simplicidade de sua execução ou até mesmo pelas mudanças sociais ao longo do tempo, que geram rupturas e outras necessidades de execução e resultados.

## 1.2 Esportes e arte: separação de regimes estéticos

Uma separação constante que pode ser facilmente percebida é a existente entre os esportes e os lugares que se julgam cultos. Em primeira instância, é perceptível a existência do esporte dos nobres e dos vulgares, nas puras acepções das palavras. Aqueles que mesmo que haja um profundo desejo, pessoas pobres quase nunca conseguem acesso a sua prática.

Sem dar-nos conta, escolhemos as nossas preferências a partir do nosso lugar na sociedade e muitos escolhem os seus esportes preferidos porque assim são condicionados. Eis aí uma primeira razão para a gigante popularização do futebol nas camadas sociais periféricas.

Muitos garotos recebem como presentes uma bola de futebol. O lazer dos familiares é jogar esse esporte, torcer por um clube e vestir as suas cores. Sentir-se representado dentro do campo de batalhas do futebol é o que alegra boa parte da classe trabalhadora.

Por essa força com que atinge o público, nos dias atuais, há uma longa série de espetáculos esportivos nas mídias que invadem os lares pelo mundo. Atribuimos essa presença ao que Huggins (2014) afirma sobre o esporte, quando diz que ele sempre foi atravessado por uma riqueza de imagens e por um simbolismo visual dotados de valor, sendo reflexo do contexto social e também contribuindo com ele. O que hoje existe é um reconhecimento de algo que sempre esteve presente, apenas porque pode ser lucrativo. Assim, mesmo com certo atraso, outras perspectivas felizmente recaem sobre os esportes, apesar de que poucos são os que leem sobre a história do esporte ou visitam museus que os têm como atração principal.

A concepção que se tem hoje do esporte, teve sua origem sob o título de

“esporte moderno”, sendo uma manifestação de uma cultura centrada no movimento, caracterizando-se pela competição e rendimento físico-técnico. O nascimento dessa ideia teve seu berço na cultura europeia, a partir do termo inglês “*sport*” e do francês “*deport*” e vem passando ao longo do tempo uma série de alterações em suas possíveis significações (Araújo, 2018).

Apoiando-se em Guttman (2006), Araújo (2018) aponta que a modernidade é o pano de fundo para a afirmação de uma prática que mesmo possuindo origens anteriores, alimenta-se dos princípios da modernidade para se sedimentar e modificar os fundamentos e objetivos do esporte em prol do rendimento.

Nesse sentido, hoje se encontram representações esportivas visuais em fotografias, na televisão e nas mídias digitais, a partir de uma espetacularização que se criou em torno da prática esportiva. Entretanto, o caminho percorrido pelo conceito de esporte nem sempre esteve lado a lado do espetáculo e próximo de algum conceito de arte.

Huggins questiona: “Teriam os aspectos mais teóricos da ampla “virada visual” dos estudos culturais alcançado a história do esporte?” (Huggins, 2014, p. 4). Rancière (2009) chama essa alteração de perspectivas de regime estético das artes. Para ele,

O regime estético das artes é aquele que propriamente identifica arte no singular e desobriga essa arte de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e artes. Mas, ao fazê-lo, ele implode a barreira mimética que distinguia as maneiras de fazer das outras maneiras de fazer e separava suas regras da ordem das ocupações sociais. Ele afirma a absoluta singularidade da arte e destrói ao mesmo tempo todo critério pragmático dessa singularidade. Funda, a uma só vez, a autonomia da arte e a identidade de suas formas com as formas pelas quais a vida se forma a si mesma (Rancière, 2009, p. 33-34).

Apesar de Rancière indicar um abandono de critérios segregacionistas na conceituação da arte, permitindo encontrá-la em seus aspectos singulares em outros lugares sociais, partimos de uma perspectiva que aponta que haveria a possibilidade de se considerarem elementos artísticos na prática esportiva antes de que houvesse uma alteração em seu regime estético.

Apoiando-nos em Welsch (2001 *apud* Melo 2005), percebemos que o esporte foi com frequência negligenciado pela estética pois existia o costume de se analisar os seus traços artísticos como questões óbvias e que não suscitam interesses intelectuais.



O que os críticos que atuam com indiferença em relação ao esporte parecem não perceber ou ignoram deliberadamente, é que, para além dos movimentos realizados dentro dos campos, quadras, ginásios etc, “É precisamente por os indivíduos poderem ser possuídos por um envolvimento coletivo, que não se consegue articular em palavras, que o fascínio do esporte atravessa quase todas as fronteiras” (Graham, 1997, p. 35 apud Melo, 2005, p. 115), inclusive as que tentam não incluí-lo num regime artístico.

Indo além, o esporte, apesar de não produzir uma arte concreta, necessita de uma relação com o público tal qual uma arte e as suas produções também podem estar carregadas com imagens simbólicas. Ou seja, necessitam de reflexos nos seus usuários para se definir os seus objetivos e níveis de distinção na sociedade.

Para Bourdieu (2004a), o universo que a prática esportiva ocupa não é um espaço fechado em si mesmo. Sob outra perspectiva, o esporte se situa num “universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema” (Bourdieu, 2004a, p. 210). Por isso, para compreender um esporte específico, é preciso identificar qual a posição ocupada por ele no universo dos esportes e, posteriormente, relacionar esse espaço com o social que se manifestará nele.

Esse universo de práticas e consumos Bourdieu (2004b) também chama de campo de práticas desportivas que, para ele, é um lugar de lutas. Apesar de existirem influências externas a esse campo, a história do esporte mostra que existe uma certa autonomia, que por sua vez acaba por ditar o ritmo de sua própria cronologia e de suas características específicas, mesmo que houvesse predisposições impostas.

O campo das práticas desportivas é lugar de lutas que têm, entre outras coisas, por parada em jogo o monopólio da imposição da definição legítima da prática desportiva e da função legítima da actividade desportiva, amadorismo contra profissionalismo, desporto-prática contra desporto-espectáculo, desporto distintivo – de elite – e desporto popular – de massa – etc (Bourdieu, 2004b, p.189)

Esses lugares refletem o surgimento e direitos de acesso desses objetos sociais; eles são (os lugares) de suma importância para a definição de necessidades para uma prática. Entender-se-á a lógica segundo a qual os agentes se destinarão para determinada prática a partir dos resultados que o sujeito poderá obter nela, além do tempo livre que deverá dispor, resultando no que Bourdieu (2004b) chama de “desportos chiques” e “práticas vulgares”. Indo mais além, sentencia:

Tudo permite, portanto, supor que a probabilidade de praticar os diferentes

desportos depende, em graus diferentes, para cada desporto, do capital econômico e secundariamente do capital cultural e também do tempo livre; isto por intermédio da afinidade que se estabelece entre as disposições éticas e estéticas associadas a uma posição determinada no espaço social e os ganhos que, em função destas disposições, parecem prometidos pelos diferentes desportos (Bourdieu, 2004b p.199).

Rancière chama atenção para essa seletividade de acessos a espaços em *A partilha do sensível* (2009). Segundo Rancière, a partilha do sensível seria um sistema de evidências sensíveis que revela tanto a existência de um comum quanto das distinções que definem os lugares e partes específicas dentro desse comum. Essa partilha do sensível cria uma divisão entre o comum compartilhado e as partes exclusivas. Essa divisão das partes e lugares é baseada na partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina como o comum pode ser compartilhado e como os indivíduos participam dessa partilha.

Nesse sentido, Bourdieu (2004b) compara a prática esportiva aristocrática à atividade artística no que ele chama de “prática desinteressada”, de algo com um fim em si mesmo. Entretanto, cada uma corresponde a uma característica diferente. O esporte convinha melhor se o desejo fosse de reafirmar características viris, de coragem, formar caráter e conceber uma vontade de vencer obedecendo regras, diferentemente de uma disputa vulgar que busca a vitória de qualquer maneira.

Por conseguinte, pela ausência da necessidade de dar-se um outro significado à atividade realizada, criou-se um apego ao amadorismo, uma inclinação a uma atividade sem uma outra finalidade além do exercício físico, “dimensão fundamental do ethos das “elites” burguesas, que se reivindicam sempre do desinteresse e se definem pela distância electiva - afirmada na arte e no desporto – relativamente aos interesses materiais.” (Bourdieu, 2004b, p.186)

Concluimos que resulta indiscutível o fato de que o lugar de surgimento de grande parte das práticas esportivas que chegaram a ser enquadradas no conceito de esporte tenha sido nas elites sociais, muitas vezes com reconfigurações de jogos considerados vulgares.

No caso de nosso trabalho, é imprescindível esse destaque ao lugar de surgimento do futebol para podermos questionar o seu lugar de pouco prestígio dentro das artes e, conseqüentemente, na literatura. Veremos que apesar de ter sido inicialmente projetado para ser uma atividade de lazer amadora, sem fins lucrativos, o seu alcance inevitável às camadas sociais inferiores dentro de uma perspectiva burguesa

aumentou a separação entre o intelectualismo e sua prática.

Com o estatuto de distintivos, os esportes mantiveram-se distantes de muitos indivíduos pelo seu grau de necessidade e de tempo necessário para a sua prática. A questão do lazer, intrínseca ao amadorismo, norteou por um largo período a sua difusão. Como consequência da aproximação proletária de uma atividade essencialmente burguesa, deu-se uma ruptura com o amadorismo, convertendo o futebol em um trabalho. Araújo (2018) sintetiza afirmando que “o que chamamos de esporte moderno é resultado de um processo de racionalização do sistema social e produtivo na emergência de uma sociedade capitalista industrial” (Araújo, 2018, p.44).

Dessa forma, atraiu cada vez mais uma juventude sedenta por melhores condições de vida, através de uma carreira. O futebol passou a ser

uma das únicas vias de ascensão social para as crianças provenientes das classes dominadas: o mercado desportivo está para o capital físico dos rapazes como o rol dos prêmios de beleza e das profissões que abrem – hospedeiras, etc. – está para o capital físico das raparigas (Bourdieu, 2004b, p.196).

Afastando-se da visão excludente, há o questionamento: um poeta pode ser considerado escritor, ter uma carreira e vender os seus escritos; um músico pode compor vários discos, vendê-los, fazer shows e receber por ambas as ações; um ator pode gravar filmes, novelas televisivas e receber por isso; por que razão, então, um jogador de futebol não o poderia também?

Por isso, apoiando-se em Graham (1997), Melo (2005) chega a conclusão de que o esporte não é arte apenas porque assim não foi denominado no decorrer da história, muito por causa de questões preconceituosas, pois a arte seria para os intelectuais e o esporte para lugares de lazer vulgares.

Para o autor, o esporte é um exemplo de arte desta natureza, é uma arte de performance. Mas nas artes performativas geralmente há um roteiro, uma partitura, enfim, um script. Nisso o esporte se diferencia: é uma arte sem script, ou melhor, este depende de cada jogo, de cada situação. Isso não significa que não tenha sentido. O esporte tem tanto sentido quanto qualquer outra forma de arte, este simplesmente não é pré-concebido (Melo, 2005, 123).

Como vimos em Bourdieu (2004b), a natureza do desencontro entre a arte e o esporte está vinculada a um preconceito que aponta os esportes como destinados a criação e manutenção de uma masculinidade, e a arte como sendo mais sensível e,

portanto, sinônimo de feminilidade.

Entretanto, a arte que chamamos de esportiva, quando atravessada pelo social, não deve ser vista apenas como uma arte produzida livremente. Nessa arte de performance, como no caso do futebol, consideramos as jogadas “palavras” dos jogadores como traduções de seu imaginário que por sua vez carregam psiquismos e impulsos que por sua vez correspondem as suas vivências sociais, seja consciente ou inconscientemente (Rosas, 2022, p. 46).

A exigência de um higienismo no esporte, como de uma alta arte, são indícios de que o lugar de onde essas ideias surgem não abarcam em totalidade as reais situações da arte e da prática esportiva. A persistência de uma tentativa relutante de manutenção de elitismo tende a perder mais espaço à medida que se destaquem cada vez mais estudos sobre o tema, demonstrando o brilho que pode haver em temas pouco usuais nos estudos sobre arte, literatura e esportes.

Aqui, também concebemos tanto os esportes como a arte não como práticas desinteressadas, com um fim em si mesmas; ao considerá-las como respostas às necessidades humanas, elas também devem ser encaradas a partir dos resultados que apresentam em seu público.

### 1.3 A Verdade Nos Resultados

Sobre o que é literatura, Compagnon (1999, p. 46) define:

[...] a literatura é uma inevitável petição de princípio. Literatura é literatura, aquilo que as autoridades (os professores, os editores) incluem na literatura. Seus limites, às vezes se alteram, lentamente, moderadamente [...], mas é impossível passar de sua extensão à sua compreensão, do cânone à essência.

De modo bastante claro, é possível dar-se conta de que a fronteira entre o que é literário e o que não é passa por mudanças de acordo com as épocas e culturas com as quais se pensa, e é isso que acaba determinando o enfoque que se dará à literatura por quem a acessa.

Compagnon também assinala que um passo importante foi dado no decorrer do século XIX: “os dois grandes gêneros, a narração e o drama, abandonavam cada vez mais o verso para adotar a prosa” (Compagnon, p. 32, 1999). Adotando o nome de poesia, o gênero que outrora havia sido excluído por Aristóteles – que ao lado de

Platão não fazia teoria da literatura e, sim, uma codificação da literatura em si mesma – da poética passou a ser sinônimo de toda a poesia. Com isso,

por literatura compreendeu-se o romance, o teatro e a poesia, retomando-se a tríade pós-aristotélica dos gêneros épico, dramático e lírico, mas, doravante, os dois primeiros seriam identificados com a prosa, e o terceiro apenas com o verso, antes que o verso livre e o poema em prosa dissolvessem ainda mais o velho sistema de gêneros (Compagnon, p. 32, 1999).

Antes de que houvesse uma teoria da literatura, a filosofia foi o principal meio a se destacar na postulação do literário, ainda que nela não houvesse o caráter e métodos necessários para que se considerasse uma teoria. O que Platão e Aristóteles faziam, nesse sentido, era uma formulação de gramáticas prescritivas do que consideravam literatura, não o estudo dela. Contudo, o estudo que se desenvolveu a partir do pensamento filosófico assume, por determinada perspectiva, o papel de ponto de partida das formulações teóricas sobre a literatura.

Ao contrário da normativa, como propunham os filósofos clássicos, a teoria da literatura assumiu um caráter descritivo e moderno, principalmente a partir do romantismo no século XIX. Mas isso não quer dizer que ela não tenha relação com a filosofia. Tal conexão ocorre no que tange ao ramo da estética que reflete sobre a natureza e a função da arte, a definição de belo e de valor (Compagnon, 1999). Daí, chegamos à seguinte pergunta: há verdade no discurso literário?

Em *Petit manuel d'inesthétique* (1998), Alain Badiou discorre sobre as relações de proximidade e distanciamentos entre a arte, a verdade e a filosofia. Para ele, na arte, existem, inicialmente, dois esquemas: um didático e outro romântico.

No primeiro, a arte seria uma verdade infundada, partindo da polêmica platônica de que a mimesis designa a arte não como imitação das coisas, mas como imitação do efeito da verdade sobre as pessoas. Por esse viés, o padrão da arte deve ser a educação, tendo em si o papel de ensinar algo; o seu papel principal não é o objeto artístico, mas o seu efeito sob o público.

Para Platão, as poesias épicas, assim como as demais manifestações artísticas, eram concebidas de modo depreciativo. Quando definiu o valor, essência e função da poesia épica no livro X de *A república* (2004), o que se tem é uma preocupação em se estabelecer o valor de verdade que ela possuiria, fazendo-o de modo comparativo com a filosofia, que seria o melhor modo de se alcançar o verdadeiro. O filósofo, assim, analisa a poesia por meio de sua aproximação com o

verdadeiro para, posteriormente, detectar se ela apresentaria algo de positivo para os cidadãos. Ou seja, tem-se, então, uma busca pelo carácter formativo das obras.

Em sua perquirição, Platão conclui que a poesia épica não trabalha e nem se aproxima do que seria a verdade; mais do que isso: a oculta, pois não teria o poder de conhecimento. À vista disso, não melhoraria o homem por ser mentirosa; pior: o corromperia e trabalharia ao serviço contrário da educação por apenas se dirigir às faculdades irracionais da alma, que para Platão seriam inferiores.

O segundo esquema, o romântico, tem como tese a suposição de que somente a arte é capaz de verdade e de alcançar o que a filosofia apenas pode indicar.

Por seu turno, Aristóteles concebeu a arte de modo distinto a Platão. Na visão Aristotélica, a característica do poeta seria a sua capacidade mimética ou criadora, e essa imitação ou criação são relacionadas a ações, e não a versos. Em um segundo lugar, a poesia épica não dependeria de forma alguma da verdade contida em seu objeto. O que aponta para o sentido de que não é a verdade entendida historicamente das ações que interessa, mas sim o resultado delas em quem a acessa.

Destarte, a poesia épica não deveria reproduzir verdades empíricas ou abstratas por se encontrar em um lugar superior ao da história por conta de sua capacidade de se dissociar da realidade e apresentar as personagens não apenas como são, mas dando-lhes um apontamento de como poderiam ser.

Tais apontamentos se reproduzem no modo em como a teoria da literatura a concebe e em como as postulações sobre o que é importante a se levar em consideração no estudo literário; o que se chama de literatura, o seu critério de valor, entre outros aspectos.

Pode-se fazer uma busca do literário pela linguagem, a partir dos seus aspectos históricos, de uma biografia de autor. Mas o que foi “descoberto” e se assume aqui como o caminho a ser seguido é o fato de que é possível ver, a partir do leitor, o que a literatura diz. A morte do autor de Barthes nos trouxe a polissemia do texto. A sua significação histórica se faz a cada leitura em épocas distintas.

As obras de arte transcendem a intenção primeira de seus autores e querem dizer algo novo a cada época. A significação de uma obra não poderia ser determinada nem controlada pela intenção do autor, ou pelo contexto de origem (histórico, social, cultural) sob o pretexto de que algumas obras do passado continuam a ter, para nós, interesse e valor (Compagnon, p. 85, 1999).

O texto tem, nesse sentido, obviamente um sentido original, mas também está aberto a significações ulteriores. Uma obra pode ter sentidos inesgotáveis, que cada geração compreenderá à sua maneira. E a literatura, aqui entendida como arte, sob esta perspectiva, funciona como óculos para quem não enxerga bem: só depois dos efeitos de seu uso que se podem determinar as suas qualidades. Desta forma, a verdade da literatura poderá estar em seus resultados.

Indo à literatura nesta perspectiva, não há afastamentos do cerne das questões platônicas e aristotélicas. A literatura pode continuar ensinando e demonstrando algo, mesmo que não seja uma verdade, ou até mesmo que não seja algo considerado bom, mas isso não quer dizer que esteja ensinando uma mentira. Ela nos mostra possibilidades futuras e, em todo caso, verdades possíveis.

Esses apontamentos sobre a literatura se fazem necessários pois o romance aqui analisado juntamente com o seu tema se situa na fronteira das mutações que aconteciam em seu tempo. Verificamos também que a maneira como Romeu Correia descreveu os processos que acometiam o futebol se assemelhou à maneira que olhamos para a literatura: a partir dos seus resultados no homem.

Para a análise do corpus indicado em todo o trabalho, foram utilizados fragmentos do romance, aliados a comentários a seu respeito, alicerçando-nos em uma fundamentação teórica sobre o cenário social sobre o qual o livro dá conta: a perda da pureza no esporte, convertendo-se em trabalho.

## 2 ROMEU CORREIA: A SUA VISÃO

O que nos incentivou a ter interesse pela vida e obra de Romeu Correia (1917-1996), a ponto de realizar uma investigação sobre sua obra, em especial *Desporto-Rei* (1955), foi o fato de que se trata de um escritor que levava aos seus escritos uma visão de quem realmente havia vivido e visto se não todas, mas a maioria das situações ficcionalizadas em seus romances e contos, além das biografias e momentos históricos que teve o interesse de registrar. Palavras do próprio autor:

data dos fins de 1945 a minha crescente necessidade de passar ao papel várias histórias e figuras que povoaram meu pequeno mundo. Testemunhar os problemas sociais, os conflitos de classe, os dramas humanos, revelando e condenando o mundo injusto e contraditório que nos rodeia e oprime é a função primeira do contador de histórias (Correia, 1975, p. 9 *apud* Condeixa, 2017, p. 27).

Ler Romeu Correia é aproximar-se da cidade portuguesa de Almada, no início do século XX e conhecer os dramas e conflitos que permeavam a sua vida que por muitos momentos foi recheada de dificuldades. Sendo assim, a partir de uma reflexão a partir de seus elementos biográficos, chega-se a conclusão de que se trata de alguém que passou a ocupar um lugar do qual naturalmente seria excluído devido as suas condições iniciais e, com isso, abarcou também temas que não possuíam até então qualquer posição de destaque nos meios literários.

Como refere Balsemão (2008), com Romeu Correia, entramos nas oficinas dos tanoeiros, nas fábricas corticeiras, nas casas dos pescadores, nas casas das mestras de costura, que acompanhamos aos bailes das coletividades, e aos passeios fora das portas da vila.

Tal tarefa, entretanto, possui as suas dificuldades. Uma delas tem relação com a falta de estudos sobre o autor, pois não é figura presente nos principais manuais de estudos sobre a literatura portuguesa do século XX, em especial, as que tratam do neorrealismo. Na verdade, Romeu Correia era quem dava vazão aos grandes nomes de seu tempo em sua localidade. Tanto fez nesse sentido que o próprio escritor pode ser usado como referência teórica de suas próprias obras literárias, pelo fato de ter escrito também obras de caráter biográfico e documental.

Um fator importante que cabe mencionar é o caso de que Correia não se considerava neorrealista, embora contemporâneo do movimento fosse e seus escritos não o negassem. Indo mais além, Balsemão (2008, p. 6) apresenta um recorte de uma entrevista concedida pelo escritor, em que ele apresenta motivos para não querer ser



relacionado ao neorrealismo, ao ser questionado se ele estaria presente em suas leituras: “Por acaso o neo-realismo como não era muito bom, não constava das minhas leituras habituais”.

Essa fala do próprio Romeu Correia desvela algo de suma importância para a reflexão que tentamos realizar: apesar de ocupar um lugar de transição na literatura, aparentemente não reconhecia naquele momento a importância devida aos seus movimentos.

O que Romeu Correia talvez estaria a tentar negar com as suas palavras, preferindo manter a hegemonia literária dos que o precederam, era denunciado pelo lugar de onde saía e destacava em suas obras: uma literatura que marcava a virada de pensamento do que era apresentado na arte: o comportamento humano apresentado com base em suas vivências sociais, religiosas e familiares.

Apesar de a temática dos problemas sociais aparecerem com demasiada importância na obra de Romeu Correia, este não é o único assunto tratado por ele. Condeixa (2017) assim o define:

Embora o tema dos problemas sociais surja ciclicamente na obra de Romeu Correia, ocupam igualmente um número significativo na sua obra livros com temas bem diversos, como o desporto e a história, cuja ação decorre em Lisboa e noutras localidades (Condeixa, 2017, p. 28).

Observando a cronologia biográfica que apresenta Alexandre Castanheira no livro *Romeu Correia: o homem e o escritor* (1987), é possível perceber, também, que sua vida se confunde com o momento de transição, em Portugal, de uma economia agro-pastoril para ingressar no mercado industrial. Com isso, Romeu Correia faz parte da população portuguesa que vive com poucos recursos em virtude dessa transição e por isso tem uma vida de dificuldades.

O cenário que foi berço do homem comum e do escritor Romeu Correia foi bem delineado por Paulo Emanuel Ramos Jorge (2019), em que demonstra, como define o título de seu trabalho *A oposição ao Estado Novo no concelho de Almada*. Jorge (2019) aponta que a industrialização em Almada, que teve início nas décadas de 1830 e 1840 com a instalação de fábricas na região, foi de suma importância para as mudanças na região. A produção de cortiça começou entre as décadas de 1860 e 1870, com a fundação de novas fábricas de capital estrangeiro e português a partir de 1890.

Com efeito, a proximidade de Lisboa foi responsável por atrair proprietários ingleses e escoceses para a região, com a zona ribeirinha a ser alvo de crescente

industrialização e o rio sendo usado para o transporte dos produtos fabricados e prontos para exportação. Na parte de cima da hierarquia figuravam os escolhedores de rolhas, de onde maioritariamente vinham os futuros encarregados, e na base as mulheres e os menores largamente explorados como mão-de-obra barata por uma indústria em expansão e ávida de lucros.

O proletariado almadense cresceu exponencialmente, na mesma medida em que as condições de vida dos trabalhadores pioraram. Deste modo, o movimento republicano começou a entrar nas fábricas por meio dos operários corticeiros, que foram influenciados pelo anarquismo intervencionista que defendia a colaboração com os republicanos para derrubar a monarquia. Além disso, os encarregados e empregados de escritório das principais fábricas de cortiça também foram influenciados.

Com o início da primeira guerra mundial, cerca de 7.000 operários trabalhavam na indústria da cortiça em Almada. A União Operária Nacional, que surgiu em 1914 e estava ligada aos anarquistas, tinha alguma presença na cidade. O movimento era, em sua essência, anti-guerra, seguindo o pensamento bolchevique e vendo o conflito como a causa da miséria do proletariado, que sofria com a fome devido ao aumento do custo de vida. Isso favoreceu a unificação do movimento operário, que considerou uma greve geral em 1916 contra o aumento dos preços e a repressão do governo aos surtos grevistas.

Toda essa realidade proporcionou em Almada a criação e manutenção de movimentos associativos, que possuíram ao longo do tempo um grande papel na visão política e cultural do local. Segundo Balsemão (2008), foram as associações que proporcionaram a criação ou desenvolvimento de bibliotecas, circulação de obras proibidas e projeções de filmes de caráter democrático e antifacista. Romeu Correia era participante ativo dessas atividades e teve seus pensamentos ideológicos compartilhados e acrescidos nesse ambiente.

De tal maneira, foi no meio da comunidade associativa onde aconteceram os seus primeiros contatos com o teatro, música e com a prática esportiva. Futuramente, tornou-se sócio de um clube de futebol, praticou pugilismo e envolveu-se cada vez mais com a vida artística e esportiva de sua região, alcançando, inclusive, a participação em competições, defendendo o Sporting Club de Lisboa; também foi treinador de sua esposa em competições de atletismo.

Fica claro, assim, que Romeu Correia passeia com a sua visão denunciadora por diversas realidades, não sendo possível enquadrá-lo em apenas uma temática, indo além do que se fazia na literatura de seu tempo.

Embora a obra que nos propusemos a analisar aqui seja *Desporto-rei* (1955), para entender o projeto estético de Correia, será necessário realizar a leitura de outras obras suas como *Os Tanoeiros* (1976) e *Sábado sem Sol* (1947), para compreender o projeto literário de Romeu Correia que, em *Desporto-Rei* (1955) não foi abandonado, mesmo se tratando de uma obra de cunho esportivo.

## 2.1 Sábado sem sol e Os Tanoeiros

*Sábado sem sol* (1947) foi o livro de estreia de Romeu Correia nos meios literários. Como já mencionado, seu objetivo era denunciar os problemas de sua vivência; ser a transposição de sua realidade para uma manifestação artística. Sua relação com a comunidade era tamanha que ela participou da sua escrita. Segundo Condeixa (2017), Correia escreveu seu primeiro livro em 1946 e leu seus contos para amigos e companheiros de biblioteca que o encorajaram a publicá-los. O livro foi publicado em fevereiro de 1947 e o lucro das vendas foi doado para as instituições culturais Incrível e Academia (Condeixa, 2017).

Balsemão (2008, p. 21) assinala que “Os contos e romances de Romeu Correia foram percebidos desde o início como documentos de cunho histórico, sociológico e etnográfico, uma espécie de memória coletiva de Almada.” Talvez por isso seu início como escritor não tenha sido fácil. Dois meses após a publicação, *Sábado sem sol* (1947) foi apreendido pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), fazendo com que Romeu Correia tivesse que submeter seus escritos aos censores do regime de Salazar por um largo período de tempo.

Alexandre Castanheira (1987) salienta que nem todos os leitores de Romeu Correia se entristeceram com a apreensão do livro; alguns, na verdade, foram os que o denunciaram à polícia, pelo fato de se sentirem representados, ainda que ficcionalmente, em algum de seus contos. Castanheira também o define como um contador de histórias nato e, sobre o seu livro de estreia, sentencia:

Era um livro de um estreante literário, mas onde irradiava uma afeição peculiar do escritor quanto aos temas, personagens e ambientes vividos em Almada, que haviam de constituir o âmago de suas obras de ficção. Os contos ilustram já um forte poder de comunicação, de narração e que o escritor põe

notas de vida intensa, de denúncia, por vezes, com uma incontrolada mistura de sonho e realidade (Castanheira, 1987, p. 75).

Neste livro, Romeu Correia apresenta uma predominância de temas que abordam problemas sociais e conflitos de classes, como a exploração de trabalhadores em diversas áreas, a luta por melhores condições de trabalho e salário, além de temas que tratam de dramas humanos, como o desemprego, a mendicância, a prisão e a pobreza. O autor também traz elementos autobiográficos em um dos contos.

À guisa de exemplificação, no conto “Destino”, o autor apresenta a família de um proprietário de trens de aluguel que há um certo tempo começou a encarar a pobreza, devido ao surgimento do automóvel.

Há quanto tempo reinava aquela situação? Nem se lembrava já ainda em vida do papá, já o aperto das dificuldades se fizera sentir. No entanto, há muitos anos, aquele primeiro andar tivera a sua fartura, existira ali um lar risonho, um ninho de felicidade (Correia, 1947, p. 85-86).

A narração, feita em primeira pessoa pela filha do antigo dono do negócio de aluguel de trens, rememora a vida passada a elencar as situações que os levaram a perder a boa vida que possuíam outrora. Também deixa claro que se trata de uma situação vivenciada em Almada:

O papá não guiava os trens; tinha quatro cocheiros: o Felipe, o Carvalho, o Domingos e o Severino.  
Em Almada, possuía uma cocheira onde guardava os carros e os animais, e onde o Américo dormia, o moço que dava as rações e lavava as viaturas. (Correia, 1947, p. 85-86)

Romeu Correia foi um dos escritores portugueses a ter a sua obra apreendida pela PIDE. Como mencionado anteriormente, a sua obra de estreia *Sábado sem Sol* (1947) foi apreendida. Mais adiante, o romance *Os Tanoeiros* (1976) inicialmente não pôde ter sido publicado com o seu nome original, em virtude da intervenção da polícia.

Santos (2022) apresenta o cenário que fazia parte da realidade dos escritores portugueses contemporâneos ao Estado Novo em Portugal. O período comandado por Salazar é assim definido:

O período em que Portugal esteve sob o comando de Salazar foi marcado pelo retardamento social e cultural, o que ocorreu também com a classe trabalhadora, que simplesmente ficou em segundo plano. Todos os avanços que os trabalhadores haviam conquistado em lutas no período monárquico, por volta de 1840, com o início do surgimento de associações operárias e movimentos de valorização e proteção do trabalho nacional, acabaram por se

congelar e até mesmo regredir com as atitudes consideradas inquisitoriais. Os sindicatos de trabalhadores passaram a ser vistos como um encontro de anarquistas, sendo altamente reprimidos pela PIDE e tendo os seus membros presos ou exilados do país (Santos, p. 10, 2022).

Um exemplo do autoritarismo de Salazar foi a atuação da PIDE, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado. Através dela, se estabeleceu a censura dos meios de comunicação e das artes, aliando-se ao nacionalismo exacerbado, culto da personalidade do líder como salvador da nação e um incentivo ao trabalho no campo. Apesar da propaganda que fazia parecer que as coisas iam bem, a realidade era dura para os menos favorecidos. A polícia política, então, atuava na supervisão de assuntos políticos, religiosos e militares, fazendo com que o que parecesse ser contra o governo não chegasse ao público.

Para Balsemão (2008), *Os Tanoeiros* apresenta uma ideia bastante clara do mundo laboral com seus lados positivos nos bons momentos, e com os seus aspectos negativos, diariamente, ao apresentar os pormenores das misérias e injustiças que acometiam a população trabalhadora.

Tendo como personagem principal a tradição da tanoaria, a ação do romance tem o seu desencadeamento a partir da década de 30 até meados dos anos 50 do século XX e pode ser lida como um importante documento etnográfico e civilizacional que testemunhou a crise do ofício dos tanoeiros.

Verifica-se, assim, mais uma vez, o caráter de denúncia dentro da literatura de Romeu Correia, que aqui consideramos ser denúncias de transições. Sempre destacando a perda de uma eficiência do trabalho manual para uma modernização que era imprescindível e inevitável.

Com isso, os homens então passaram a ser cada vez mais dispensáveis e inúteis, algo que já acontecia mesmo quando a modernidade ainda não havia chegado. Os operários velhos, sempre perdiam os seus postos de trabalhos para os mais novos, pelo fato de já não conseguirem mais desempenhar a sua atividade como antes. A infância nas obras Romeu Correia aparece como ativa, vívida, enquanto a velhice denota um fim recheado de inutilidade.

## 2.2 Crítica E Neorrealismo

José Rodrigues de Paiva (1985) caracteriza o neorrealismo como um movimento literário de cunho eminentemente social que, por diversas razões, não surge do “nada”. Para ele, é preciso relacionar o movimento às transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas especialmente entre os anos 20, 30 e 40 nas diferentes partes do mundo: Primeira Guerra Mundial de 1914 a 1918; início da revolução russa em 1917; quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929; revolução no Brasil em 1930; guerra civil espanhola em 1936; guerra mundial de 1939 a 1945. Como se já não fosse o suficiente, os anos 30 e 40 assistem ao início dos governos fascista, nazista e ao salazarismo em Portugal. Esse período merecia ter a sua própria literatura. E teve.

No Brasil, o romance predominou no que foi chamado de Regionalismo, onde a temática agropastoril seria o seu ponto principal, que uniria o Brasil de sul ao nordeste. Tamanho foi o sucesso desta empreitada que, os escritores brasileiros exerceram influxo sobre os portugueses que se enveredaram pela temática social.

Foram exatamente os ecos desta literatura inaugurada pela *Bagaceira*, de José Américo de Almeida, em 1928, seguida pelo *Quinze*, de Rachel de Queirós, em 1930 e continuada pelo José Lins do Rego dos romances do ciclo da cana-de-açúcar e Pedra Bonita, pelo Graciliano Ramos de *São Bernardo* e *Vidas Secas*, pelo Jorge Amado de *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães da Areia*, ou, numa perspectiva especificamente urbana, pelo Armando Fontes de *Os Corumbas*, que, atingindo Portugal, não seriam indiferentes aos jovens escritores de então, depois chamados, os que enveredaram pela temática social, de neo-realistas (Paiva, 1985, p. 69).

O momento histórico supracitado era a motivação dos escritores a darem vazão a uma temática ainda não explorada: a denúncia de exploração nas camadas baixas da sociedade. Ainda que houvesse “um programa”, como diz Paiva, a realidade em que os escritores viviam já lhes dava a principal motivação. Em sua maioria, eram homens que estavam à margem ou próximo a ela e viam de perto a dura realidade do povo português que estava sujeito a transitoriedade laboral, insalubridade, falta de acesso à educação e saúde.

É neste escopo que se insere – ainda que com rejeição por parte do autor – o nome de Romeu Correia dentro do neorrealismo português quando afirma em prefácio à primeira edição do seu livro de estreia, *Sábado sem Sol*, ser o seu objetivo principal na literatura “denunciar os conflitos de classe e as injustiças humanas com alguma ficção para não irritar os patrícios”.

Fazendo um estudo comparativo entre a ficção neorrealista portuguesa e o romance nordestino de 30, Paiva (1985) demonstra que o que podemos chamar de programa neorrealista português apontava para o mesmo caminho tomado outrora no nordeste brasileiro. Como exemplo, tomou o prefácio de Gaibéus, de Alves Redol.

De uma rápida leitura do texto de Redol, infere-se, por exemplo, que o romance neorrealista é sobretudo um libelo, uma denúncia social; que pela ânsia de expressar uma realidade fática, o romance, mais do que de obra de arte literária traz em si o caráter documental; que por estar voltado para o social, o neorrealismo, ao invés de retratar personagens, retrata dramas sociais, e, exatamente por isso, não possui um romance de heróis e sim de situações; que o romance neorrealista, por promover a denúncia social, está inteiramente voltado para as classes sociais inferiores, exatamente aquelas mais esquecidas por todos (Paiva, 1985, p. 73).

Aqui, assumo a posição de que a ficção de Correia seguiu o mesmo caminho anunciado por Redol. No entanto, diferentemente de outros nomes do movimento, que escreviam com claras intenções políticas combativas em relação ao regime Salazarista, Correia inicia os seus escritos com a simples intenção de retratar os problemas cotidianos de sua gente. Depreende-se, portanto, que para produzir um romance neorrealista não eram necessários conhecimentos sobre comunismo, socialismo, Marx ou Engels: a pura e simples vivência portuguesa entregava aos escritores do período todo o material romanesco necessário para a sua produção: a causa do dia a dia naturalmente atormentado de uma zona ribeirinha, onde o desenvolvimento industrial português pretendia enriquecer à custa dos mais necessitados e indefesos.

Ele escrevera, inicialmente, apenas para mostrar aos colegas do grupo associativo os seus primeiros contos. Ao lê-los, percebe-se que neles, havia, como pano de fundo, a vida almadense: a chegada de um navio carvoeiro, onde havia um alvoroço de homens implorando para serem selecionados (, a infância perdida pela falta de recursos, o que fazia com que jovens em idade escolar desejassem logo trabalhar:

Depois, seguiu também o ofício do pai e dos avós. Conheceu a dureza da tanoaria: os pesados golpes de marreta, o fogo que domava aduelas, fumaradas medonhas de criar sólidos catarros. Suas mãos adquiriram calos e nodosidades; dilatações musculares, cordões sanguíneos, Sabrutaram-lhe os braços juvenis. (Correia, 1976, p.28)

E a velhice que, ao chegar, os colocava como inúteis perante a sociedade, a perda de espaço de um trabalho – tanoaria – levando à pobreza muitos homens e pondo fim uma tradição familiar e, mais do que isso: é apresentada a transição imposta

pela industrialização e modernidade que chegava a uma região pobre e em sua maioria composta por homens sem estudo, adeptos do trabalho braçal que começavam a serem substituído pelas máquinas.

Mas, o que diziam os críticos sobre Correia? Por qual razão seu nome não aparece nos manuais de literatura em língua portuguesa ou até mesmo da literatura portuguesa especificamente? Alexandre Castanheira, que se debruçou sobre a vida de Correia como escritor e como um homem do povo, traçou um panorama do que diziam os críticos de então sobre ele: romance de intuítos populistas, mais observador do que ficcionista, documento folclórico e até a afirmação de que o seu romance *Os Tanoeiros* (1976) não poderia ser chamado de romance pois um romance é uma obra de arte, enquanto que o que Romeu Correia fazia era apenas uma maneira para ser notado; em outras palavras, apenas um pretexto.

Sobre o juízo que muito se fazia sobre Correia, Castanheira diz algo que nos levará à discussão acerca da crítica sobre o autor:

No fundo, o que fazia uns aplaudir e outros diminuir a obra de Romeu era a verificação da pujança com que um desconhecido pequeno empregado bancário se posicionava corajosamente numa corrente literária que não só não aceitava o regime, o governo e o ditador que asfixiavam o povo, a arte, a liberdade e lhes comprometiam o futuro tão desejado pelos portugueses, como retratando a verdadeira vida dos homens e mulheres deste país de forma realista mas nova, dela davam consciência de sua temível existência (Castanheira, 2009, p. 128).

A crítica literária da época estava no momento de ainda se analisar as obras de acordo com os resquícios de valores que pertenciam a momentos passados. Como já demonstramos, o próprio Romeu Correia considerava o neorrealismo inferior ao que se escrevera no passado.

O movimento modernista em Portugal, que prescrevia o romance como uma obra de arte, daria lugar inevitavelmente ao romance que buscava outras coisas em primeiro lugar e, por fim, seria o que os outros quisessem, literatura ou não. Mas, em primeiro lugar, estava a denúncia. E todas essas mutações são frutos da realidade. É bem verdade que esta literatura não é mais daquele tipo de literatura que se produzia na alta modernidade, porém, não deve ser diminuída por esse motivo.

Perrone-Moisés (2016) indica que em meados do século XX se deu uma virada nos estudos literários. Surgiram e se expandiram as ciências humanas (sociologia, psicanálise) e acabaram por influenciar a crítica e o ensino da literatura. Como resultado, houve um privilégio do sentido em detrimento da forma. Assim, “o pêndulo



sempre oscilante, na crítica e no ensino literário, deslocou-se da forma para o conteúdo, ou do “como” para o quê” (Perrone-Moisés, 2016, p. 10).

Mais adiante, afirma o seguinte:

Portanto, ao falar de literatura, a primeira precaução consiste em precisar em que sentido a palavra é empregada. A literatura de que aqui falamos é a que foi definida no século XVIII, quando a palavra deixou de significar o conjunto da cultura letrada para significar uma atividade particular, uma prática de linguagem separada (e superior) das outras práticas verbais, uma arte e um meio de conhecimentos específicos (Perrone-Moisés, 2016, p. 19).

Pode-se afirmar, então, que a literatura apresenta um caráter evolutivo. Mas não uma evolução que abandone o tradicional do passado, porque o tem como base e parte dele. Isto aponta para o fato de que os que julgavam desta forma o movimento neorrealista – e Romeu Correia, que provavelmente não tinha consciência de estar representando uma fase de transição – a partir deste ângulo, muito provavelmente seriam os mesmos que diriam que a literatura estaria perto do fim, movimento analisado por Schaeffer (2013), que sobre o suposto perigo que correria a literatura, afirma:

Em resumo, só se se identifica a cultura literária com sua delimitação segregacionista é que se pode falar de crise da literatura. [...] Porém o que sobretudo deve ser visto aqui é que, se existe uma crise, nesse caso, trata-se primeiro da crise dos estudos, e não das práticas literárias (Schaeffer, 2013, p. 17, tradução nossa).<sup>1</sup>

Conforme Schaeffer (2013), nada demonstra que o futuro da literatura estaria ameaçado. A sua hipótese é de que a suposta crise da literatura deve ser encarada no que se refere à literatura chamada erudita. Por conseguinte, teríamos, então, uma crise dos estudos literários.

Schaeffer conclui também que há uma confusão que deve ser evitada: a ideia de que a literatura e o escrito não ocuparem o mesmo lugar de gerações atrás signifique que estejam em um lugar menor; na verdade, “Se deslocaram e este deslocamento é indissociável do que, longe de ser um declive do escrito, corresponde a uma poderosa ascensão.” (Schaeffer, 2013, p. 13, tradução nossa). Perrone-Moisés (2016), por outro lado, diz que esse “elitismo” seria uma forma de conservar o que de melhor já foi produzido.

---

1 En síntesis, sólo si se identifica la cultura literaria con su delimitación segregacionista es que se puede hablar de crisis de la literatura. [...] Pero lo que sobre todo hay que ver bien aquí es que , si existe una crisis, en tal caso, se trata primero de la crisis de los estudios, y no de las prácticas literarias.

Nesta perspectiva, crer que a literatura deve ser vista como uma realidade autônoma e fechada em si mesma, além de se manter com leituras presas a uma visão canônica, representaria também uma visão segregacionista, que não faria sentido sobre a ótica de Schaeffer, visto que toda norma parte de um gosto particular.

Estaria perto do fim, então, o tipo de literatura a que eles se referiam, que apenas tratava de temas eruditos e referentes às altas camadas sociais. Daí se pode fazer a pergunta: de que literatura se está falando? Qual a concepção de literatura e para quem ela faz sentido? Talvez, os que a diminuía, o faziam pelo motivo de não estarem sendo representados nessa literatura.

Sobre o romance moderno, Ricoeur afirma que ele corresponde ao preenchimento de uma nova demanda social. Nesse sentido, “não são mais os altos feitos ou malfeitos de personagens lendários ou célebres, mas as aventuras de homens ou mulheres comuns que se deve retrair” (Ricoeur, 2010, p.14).

Os movimentos sociais estavam em vias de aparecer a qualquer momento e isso cobraria o seu preço em todas as esferas artísticas sobre o tom da representatividade; no caso do romance social, aparece em forma de denúncia.

Segundo Castanheira (2009),

O neo-realismo não é urbano nem rural. O povo é o seu herói e dá-nos a conhecer as suas alegrias e tristezas, os seus amores e desencontros, os seus ofícios e os seus salários, as suas casas, o que comem, os seus desejos e sonhos, ajuda-nos a compreendê-los, a descobrir como lutam para vencer as várias adversidades da vida que têm e lograrem mais humanidade, igualdade de oportunidades, justiça, solidariedade. (Castanheira, 2009, p. 130)

Assim, vemos que além do caráter denunciador, há outro elemento muito claro nas obras neorrealistas que é a construção do herói coletivo. Isso ocorre porque, segundo Paiva (1985), neste tipo de literatura o épico suplanta o lírico pois este é individualista enquanto aquele “exige uma coletividade e implica numa grandeza de ações que foge à natureza do lirismo” (Paiva, 1985, p. 76). Ou seja, o próprio elemento fornecido pela realidade – as dificuldades que sugerem uma luta coletiva – fornecem o material literário que aparece mesmo quando se queira fazer um documento ou panfleto.

A crítica literária embora já tenha ocupado diferentes espaços, possui extrema importância no que concerne à leitura do texto literário. No entanto, num caso como este – de Romeu Correia –, apoio-me no que diz Rios (2016) sobre a falta de apreço que muitos leitores e escritores demonstram em relação aos críticos. Para ele, a crítica

literária tem sido desqualificada em certa medida, devido à falta de valorização pelos críticos de três aspectos fundamentais: o caráter axiológico, o desejo pedagógico e o perfil hermenêutico da crítica de literatura. Estes elementos são essenciais para tornar a crítica relevante em qualquer tempo ou lugar.

Sobre a crítica literária, Compagnon afirma o seguinte:

Por crítica literária compreendo um discurso sobre as obras literárias que acentua a experiência da leitura, que descreve, interpreta, avalia o sentido e o efeito que as obras exercem sobre os (bons) leitores, mas sobre leitores não necessariamente cultos nem profissionais. A crítica aprecia, julga; procede por simpatia (ou antipatia), por identificação ou projeção: seu lugar ideal é o salão, do qual a imprensa é uma metamorfose, não a universidade; sua primeira forma é a conversação (Compagnon, 1999, p. 22-23).

O caráter avaliativo proposto por Compagnon é, como bem demonstra Rios (2016), implícito e inevitável a quem a exerce. Ainda que se tente negar, os motivos pelos quais se lê uma obra, seja para esquadrihá-la positiva ou negativamente, partem de um prévio juízo de valor. Entretanto, o que parece desmedido é o modo como alguns críticos se referem à autores que para eles são irrelevantes, como no caso citado por Castanheira no qual um sujeito não nomeado por ele diminui com más palavras o romance de Romeu Correia.

Mencionando Machado de Assis, Rios (2016) aponta a outro fator do tripé da crítica: a pedagogia. Isso se une, então, ao outro lado essencial para a crítica: “Hermenêutica: sem o mínimo de urbanidade, portanto, não apenas a restrição axiológica textual pode perder a disponibilidade da recepção e o veio pedagógico automaticamente se implodir” (Rios, 2016, p. 221).

Exemplo de um campo de trabalho crítico possível está na obra *Os Tanoeiros* (1976) de Romeu Correia. Nela, em um primeiro olhar, parece apenas ser descrito o momento de transição em uma esfera laboral. Porém, para um leitor mais atento, através das múltiplas camadas do romance, poderá perceber o pano de fundo português de então, definido e exemplificado em cada grupo de personagens. Ali, percebe-se, assim, que a veia denunciativa está em destaque, demonstrando a evolução neorrealista, seja num ambiente rural ou citadino, que também nos leva ao humano de cada ser. Para um crítico, o caminho está aberto para que haja o seu julgamento e a sua iluminação do texto, contribuindo, assim, com o seu sentido.

A crítica literária pode e deve utilizar o seu poder de juízo. Porém, também deve estar cônica de que também tem o papel de construir o(s) sentido(s) de uma obra junto ao escritor e assumir o seu caráter hermenêutico também junto ao leitor, que

não é o que acontece com a crítica em relação ao neorrealista Romeu Correia, diferentemente do que faz Paiva em seu ensaio sobre o neorrealismo e o romance nordestino de 30: com polidez, apresentou os problemas, os pontos positivos e os iluminou com destreza.

A ficção de Romeu Correia, embora ainda tenha o seu aspecto documental e sirva como dito ao longo deste subcapítulo como fonte de conhecimento sobre a vida em Almada, ou seja, de um local pobre de Portugal, também não deixa de apresentar elementos de uma construção romanesca no que diz respeito à sua estruturação e de contribuir para a história do romance português.

### 3 O LUGAR DO FUTEBOL NA SOCIEDADE E NA LITERATURA

Não se pode dizer que não há produção literária sobre o futebol. No entanto, pode-se questionar o porquê de não se fazer mais. Uma possibilidade de resposta para essa indagação é o fato de que, dentro das quatro linhas, o futebol não oferece muitas possibilidades narrativas. Por essa razão, as possibilidades de representação literária se restringiriam aos gêneros que pudessem descrever os acontecimentos de dentro do campo, como poesias e crônicas. Entretanto, pela dimensão social alcançada pelo futebol, a demonstração “extra-campo” também se mostrou como necessária.

Aqui, assumimos que, de maneira análoga à literatura, o ser humano também possui outro elemento intrínseco a sua natureza: o movimento. Antonio Candido (2012) coloca a literatura como algo inerente ao ser humano; na sua ótica, seria impossível que um homem vivesse e não entrasse em contato com alguma espécie de fabulação. Por isso, a literatura é concebida então como um direito universal, tal qual a alimentação, a moradia, o vestuário, a saúde, a liberdade de expressão.

Não obstante, por causa da desigualdade social, boa parte dos que teriam direito à literatura não a acessam, pela crença posta em prática de que a população que vive na linha da pobreza, analfabeta ou quase, não necessita do literário; o que também ocorre com algumas práticas esportivas, que são ou eram em determinado momento destinadas apenas a um seleto grupo

De igual forma, para Vanoyeke (1992), o homem apresenta, desde os primórdios, uma tendência à movimentação; conseqüentemente, aproxima-se a algo que passo a passo se converteu no que hoje conhecemos como esporte. Para a autora, a prática do esporte também seria uma forma de lutar pela vida, como a caça; um reencontro ao corpo ligado às necessidades que são fundamentais ao homem.

Salienta-se que esta comparação não é perfeita; enquanto todo ser humano pode pensar independente de seu gênero, a condição da caça no início da humanidade e, assim, a movimentação em busca da sobrevivência, esteve destinada apenas aos homens. Contudo, ao se dirimir essa disparidade histórica, concluímos que seja possível considerar alguma proximidade nos supramencionados conceitos porque, excluindo-se a imposição de gênero histórica, homens e mulheres podem desenvolver as mesmas atividades tanto o contato com o literário e com os esportes é definido a partir da posição social dos indivíduos.

Segundo Vanoyeke (1992), no período clássico, mais exatamente na Grécia, onde já se conhecia o conceito de atleta, os praticantes das atividades consideradas esportivas passaram a aprimorar o físico como uma forma de se distinguir dos seus semelhantes, nascendo, assim, o referido conceito. Em Esparta, o único objetivo do treinamento esportivo (luta livre, lançamento de disco etc.) era a transformação dos jovens em soldados e se houvesse um lado intelectual dessa educação, era dissolvido; o que ocupa um lugar privilegiado é a cultura física para a preparação militar.

Através desta reflexão, podemos perceber que há uma linha tênue entre o esporte, divertimento e outros fins. Fins esses que ao longo do tempo foram alcançando um papel primordial na definição do que se praticaria por parte de quem comandava os Estados.

Observando as artes a partir da perspectiva de Rancière (2009), é possível depreender o quanto o modo como as coisas são perceptíveis e utilizadas pela sociedade acaba sendo determinado pelo tempo, espaço e as relações sociais existentes. Por conseguinte, tempo e espaço também são políticos na medida em que interferem na subjetividade e oferecem acesso aos que podem ser modificados por ela.

Assim, o acesso às artes, como a literatura, e aos esportes, no nosso caso o futebol, foi delimitado ao longo do tempo a partir do local onde esses elementos sociais apareciam. A escrita e o literário primeiro, destinados a quem teria acesso à escrita e posteriormente à leitura. O futebol, a quem tivesse tempo disponível em sua realidade para momentos de lazer.

Nesse sentido, encontramos em Elias e Dunning (1992) uma indicação da razão pela qual há um afastamento do tema esporte nos estudos sociológicos e, conseqüentemente, na literatura. Para eles, o esporte – não apenas o futebol – é frequentemente ignorado como objeto de reflexão sociológica e de pesquisa porque é visto como algo negativo dentro de uma dicotomia convencionalmente aceita, como entre "trabalho" e "lazer", "espírito" e "corpo", "seriedade" e "prazer", "econômico" e "não econômico". Isso ocorre porque o pensamento ocidental tende a ser reducionista e dualista, e vê o esporte como uma atividade vulgar de lazer, voltada para o prazer, envolvendo mais o corpo do que a mente e sem valor econômico.

Como resultado, o esporte não seria considerado como um fenômeno que levante problemas sociológicos de significado equivalente aos dos negócios sérios da

vida econômica e política e, assim, acrescento que por esta perspectiva, não merecia a atenção do literário, por não pertencer ao lugar social adequado.

Ainda de acordo com os referidos autores, chegaremos ao mesmo questionamento essencial: o porquê das pessoas buscarem cada vez mais preencher o seu tempo livre com atividades de lazer e em que momento tais atividades se convertem em trabalho. Segundo Elias e Dunning (1992), o esporte e a guerra envolvem formas de conflito que se encontram entrelaçadas, de maneira sutil, com formas de interdependência, de cooperação e com a formação do “nosso grupo” e do “grupo deles”. Com isso, indo mais além, esse estreito espaço entre ambos seria o que justifica a pouca presença do esporte como tema de estudos sociais.

No entanto, para Nietzsche (2009), outras causas existem para este fim. Em a *Genealogia da moral*, onde busca fazer um apanhado que demonstre o nascedouro dos conceitos de bom ou ruim, Nietzsche (2009) aponta que, em verdade, a origem e uso destes conceitos nascem do fato de que a alta sociedade seria a classe sacerdotal e, por isso, foi preferível que os termos a serem utilizados se assemelhassem a essa função social.

A concepção de bom ou ruim, então, não tem relação com quem faz uma prática que se considere boa. São, na verdade, provenientes dos nobres, poderosos e superiores, em oposição ao que se considera baixo, vulgar e plebeu. Por conseguinte, os juízos de valor aristocráticos pressupõem uma constituição física superior e poderosa, aliada a uma saúde rica junto com tudo o que contribuísse para a sua conservação.

Voltando ao período clássico, cabe observar que em dado momento apareceu de modo rápido entre os sofistas um desejo de repúdio ao ideal de esporte tradicional. O verdadeiro valor não estaria mais na prática esportiva e, sim, na política. Desta forma, o esporte começa a ficar para trás. Em síntese, o esporte deixa de ser a atividade preferida dos atenienses por não se complementar mais com o trabalho intelectual e aí começaria o afastamento.

Essa separação entre o movimento do corpo com o trabalho intelectual, parece ser uma preocupação de Romeu Correia. Ele próprio era exemplo de que a prática esportiva não deveria estabelecer uma distância entre um homem e as letras, visto que possuiu uma carreira como esportista e como escritor, e não tratou o esporte como uma profissão. Em *Desporto-Rei* (1955), na epígrafe do romance, já demonstra sua visão de ideal esportivo que remontava à Grécia antiga.

O Desporto só é escola de perene juventude e felicidade quando, através dele, se atinge o perfeito equilíbrio entre o músculo e o pensamento - síntese ideal que a velha Grécia nos legou no imorredouro Discóbolo (Correia, p. 7, 1955).

Platão, por sua vez, não negligenciava o exercício físico. Todavia, ele contribui de certo modo com tal separação. Para ele, a ginástica deveria ser de fato utilizada em uma preparação militar, o que com o tempo foi se perdendo, visto que desde o mundo grego foi se introduzindo a profissionalização dos atletas, que também era algo que afastava os atletas da filosofia e literatura.

Nesse momento, começa-se a perceber uma característica da prática esportiva: a segregação. Conforme afirma Lessa (2008), a prática esportiva no mundo grego era um elemento civilizatório, isto é, estavam restritas aos cidadãos gregos homens e estava aliada à preparação para a guerra, mas que era restrito a classe nobre. E conforme Vanoyeke (1992), na era democrática, a educação em Atenas era direcionada para a vida nobre dos grandes proprietários de terras ricos e ociosos, que se definia pela prática de desportos aristocráticos como equitação, caça e outros esportes nobres.

Desse modo, fica claro, então, que os esportes que passaram a ser vistos como negativos foram os que mudaram de lugar na sociedade: de apenas praticados pela elite, a ser um esporte de todos, inclusive dos pobres, o que acabará influenciando no modo como seria representado pela literatura, afinal, encontra-se, ao longo do tempo, um apreço apenas com assuntos que pertencem as elites, deixando de fora as representações que atraem o gosto popular. Deste modo, crendo ser possível comparar o papel do futebol na sociedade com o papel da literatura, percebe-se uma possível explicação para a distância entre esses ambos. Em seu trabalho sobre a definição do que é considerado literatura, Perrone-Moisés (2016) reconhece que não é possível ter uma definição precisa e que há uma certa "elite" na literatura. A autora destaca que o que inicialmente foi considerado literatura era produzido para as classes sociais mais privilegiadas.

Acrescento que apesar de haver a necessidade de se preservar uma tradição, pela razão de que os escritores e livros do passado foram que assentaram as bases para o que seria produzido com o passar do tempo recebendo as devidas influências das mutações e evoluções, quer sejam sociais ou literárias, o elitismo da literatura além de excluir os participantes da sociedade que não possuíam acesso ao literário por sua condição social, por conseguinte também acabaria por excluir temas que não



fizessem parte única e exclusivamente da chamada elite. E entendemos ser esse o caso do futebol.

Ainda que o nosso caso de estudo seja o futebol português na literatura portuguesa, é inevitável o paralelo a ser traçado com o esporte jogado no Brasil e o que era escrito na literatura brasileira, em vista da já mencionada influência exercida pela literatura brasileira sobre a que era escrita em língua portuguesa na península ibérica e do forte papel desempenhado pelo futebol – não apenas o brasileiro, mas sul-americano em geral – em comparação ao português no início de sua difusão.

Para Wood (2019), em seu artigo *The History of Football and Literature in Brazil (1908-1938)*, há uma estreita relação entre o esporte e a forma como a educação física era tratada – pautada pela visão elitizada de quem trouxe o esporte para o país – com a forma que o futebol poderia ser representado na literatura. Havia, em certa medida, um ideal higiênico que buscava trazer pureza aos praticantes de esportes, o que inevitavelmente se refletia na posição social dos indivíduos que os executavam.

Consequentemente, ainda de acordo com Wood, havia escritores que defendiam o futebol como um modelo de modernidade europeia civilizadora, uma forma de combater a suposta degeneração da miscigenação e melhorar a condição física da nação. No entanto, esses escritores acabaram se desiludindo com o esporte, que foi rapidamente apropriado pelas classes trabalhadoras e passou por uma crescente profissionalização dos jogadores ao longo da década de 1920.

Verifica-se, por exemplo, em *O negro no futebol brasileiro* (2003), de Mario Filho, que o início do futebol no Brasil foi, por um grande período, algo preservado para uma elite branca:

Há quem ache que o futebol do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi uma coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudosista sempre branco, nunca preto, dava pra desconfiar. E depois, a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que podia se chamar de branca. Os jogadores claros, bem brancos, havia até louros nos times, ia-se ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali, perdiam-se, nem chamavam atenção (Filho, 2003, p. 29).

Kumar (2014), ao falar sobre o início do futebol em Portugal, também diz que “A prática desportiva representava, em finais do século XIX, um elemento importante para a definição de uma posição social, que identificava o lugar dos seus cultores no topo de uma hierarquia de classe” (Kumar, 2014, p. 22). Encontramos, desta forma, nos casos do Brasil e de Portugal, confirmações do que outrora apresentamos acerca

dos esportes: fundamentalmente, representavam as classes sociais de que os praticava.

Nesse sentido, praticava o esporte inglês quem fosse de boa família, branco e que pudesse se dedicar ao esporte apenas como diversão, afinal, o objetivo das pessoas bem-sucedidas da época era seguir os passos da família em alguma profissão de prestígio. Quem não pertencesse a esse contexto seriam as pessoas que de alguma forma estariam deixando de lado alguma esfera importante de sua vida, em troca do jogo de futebol.

Com o aumento da prática futebolística, ela começa a se tornar objeto de observação dos literatos. No início da década de 1920, a literatura sobre o futebol brasileiro começou a se desenvolver, mas alguns autores influentes o viam como uma prática estrangeira, que nada de positivo acrescentaria à cultura brasileira e se posicionaram contrariamente. Exemplo disso é Lima Barreto que dedicou algumas crônicas e contos a criticar o futebol. Palavras suas: “Nunca foi do meu gosto o que chamam sport, esporte ou desporto” (Barreto, 1918, p.59).

O escritor carioca possuía aversão ao esporte não apenas por sua propensão à violência, mas também pelo excesso de termos em inglês no vocabulário do futebol. Para ele, o futebol se resumia a “[...]backs, forwards, kicks, corners; mas havia um “chutada”, que eu achei engraçado” (Barreto, 1918, p. 60).

Wood (2019) também salienta que após a "Semana de Arte Moderna" de 1922 em São Paulo, várias figuras literárias usaram o futebol em suas criações literárias ao buscar um novo modelo de brasilidade. No entanto, eles não conseguiram ver o futebol como um exemplo da cultura canibal imaginada por Oswald de Andrade em seu Manifesto Antropófago. Em vez disso, o futebol criado fora dos clubes se tornou um laboratório informal para a apropriação original e antropofágica do jogo inglês.

A obra de Mario Filho (2003) dá conta deste processo de apropriação da população menos abastada do futebol. Apesar de todas as restrições sociais, cada momento em que podiam ter contato com a bola, o faziam de modo que aquilo servisse como se fosse suficiente para desenvolver as suas habilidades no esporte. Filho (2003) descreve, por exemplo, como a saída da bola do campo, por causa de um chute equivocado, era motivo de alegria para os operários.

Os operários ficavam pra ver, muitos brancos, mulatos, pretos, com vontade também de dar o seu pontapé na bola. Bastava a bola ir fora, e ela ia fora de quando em quando, eles corriam atrás dela, como garotos atrás de um balão de São João. Depois a impressão deixaria de ser essa, de garotos atrás de

um balão de São João, seria a de garotos atrás de uma bola mesmo (Filho, 2003, p. 32).

Assim, ainda que houvesse uma tentativa de prosseguir com a ideia de que o futebol fosse algo pertencente a uma camada privilegiada, por ser algo de caráter simples para ser praticado – apenas uma bola e alguns rapazes a correr – logo se popularizou de modo inevitável. Por conseguinte, o futebol passou a ser usado como analogia para a miscigenação do povo brasileiro.

Domingos (2005) afirma que Gilberto Freyre foi um grande disseminador desse pensamento sobre o futebol brasileiro. Ele destaca que, para Freyre, o estilo de jogo realizado no Brasil se diferencia do que era jogado na Europa. Segundo o autor, o futebol verde-amarelo se destacaria por ter adjetivos como surpresa, astúcia, leveza e espontaneidade individual, o que diferencia do jogo praticado na Europa, que foi definido como método organizado. Ele destaca ainda que essas diferenças estariam atreladas à formação social e cultural brasileira.

Segundo Florenzano (2019), a partir da década de 1940, com a aparição da crônica esportiva profissional, os críticos que não eram favoráveis ao futebol foram desaparecendo pouco a pouco. Assim, surgiram novas divisões entre os escritores esportivos: os racionalistas, que enfatizavam a parte técnica/tática do esporte, e os apaixonados, que se concentravam nos aspectos subjetivos. Florenzano também afirma que, a partir da década de 1930, o futebol se tornou um fenômeno de massa, sendo apropriado e reinterpretado pelas diferentes classes sociais. Os novos meios de comunicação, que surgiram nessa época, se tornaram os principais intermediários entre os times e suas torcidas. Em sua crônica "Enquanto os mineiros jogavam", publicada em 20-21 de julho de 1931, Drummond discute como os avanços tecnológicos diminuiriam a distância entre os jogadores e suas torcidas.

É perceptível, a partir dos exemplos supracitados, que o início do trato literário sobre o futebol se deu a partir do gênero crônica e tem papel valioso avaliar o que causou essa aproximação. Por essa razão, convém se fazer uma reflexão sobre o gênero. Sobre a crônica, Candido (2003) expressa a seguinte ideia:

A crônica não é um "gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus", - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós (Candido, 2003, p. 89).

Depreende-se, portanto, a seguinte conclusão: o futebol, por se tratar de uma prática esportiva que alcançou uma grande popularização, deixando de ser destinada às elites, também não mereceria, em um primeiro momento uma representação literária. Entretanto, com a profusão alcançada pelo gênero crônica, que, como vimos, é considerado um gênero literário mais próximo do povo e do tempo comum, passou a ser olhado e transformado em tema literário pelos escritores que observavam a vida mais próxima das pessoas comuns.

A definição de Candido (2003), tratando a crônica como um gênero menor, aproxima-a da razão pela qual o futebol obteve seu espaço na literatura inicialmente por ele, pelo fato de que o futebol, ao ser apropriado pela classe trabalhadora, perdeu o seu caráter elitista. Então, se havia um lugar na literatura para ele, seria no “gênero menor”.

Entretanto, pode-se considerar um equívoco essa redução do futebol apenas às crônicas. Para afirmar isso, apoiamo-nos, inicialmente, em Cornelsen (2006). Dialogando com o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, o autor apresenta uma visão de que futebol seria como um sistema de signos, ou seja, uma linguagem com suas próprias palavras e jogadas. De acordo com a visão de Pasolini, a linguagem do futebol é baseada na Semiologia da Cultura, onde todos os fenômenos estudados são considerados culturais, incluindo o próprio futebol. Assim, o futebol possui regras que só podem ser compreendidas por aqueles que as conhecem, como se fosse uma linguagem própria. Além disso, Pasolini categorizou a linguagem do futebol em dois gêneros: o futebol de prosa e o futebol de poesia.

De acordo com essa linha de pensamento, os estilos de jogo do futebol europeu e latinoamericano são essencialmente distintos. O estilo europeu caracterizado por uma abordagem burocrática, com uma estrutura defensiva e uma abordagem de ataque limitada a jogadas previsíveis e cruzamentos na área para tentar marcar um gol de cabeça. Por outro lado, o estilo latinoamericano era mais livre, aberto a jogadas criativas, expressivas e inesperadas, que só poderiam ser realizadas por jogadores que soubessem utilizar a linguagem do futebol de forma artística. Essa diferença de “estilo” estava fortemente ligada a questões históricas.

A partir do conceito proposto por Pasolini, de que o futebol é um sistema de signos, é possível inferir que assim como uma linguagem oral, o futebol também pode ser influenciado por variações históricas e regionais, bem como pela memória e símbolos de um grupo, assim como ocorre em uma representação literária.

Em consonância com Pasolini, também nos apoiamos nas ideias de Nascimento (2014). Para ele, o futebol vai além de um mero jogo praticado em um campo e enxergar isso, num primeiro momento, nos abre as possibilidades de encarar com maior naturalidade as suas possíveis plurissignificações.

O jogo de futebol, portanto, quando compreendido como um fenômeno que vai além daquele esporte praticado em quatro linhas de um espaço retangular; quando enxergado como um acontecimento sociocultural de amplo alcance (veja-se o fato de ser aceito por quase todas as culturas do mundo), é também uma supra-linguagem só redutível a si mesma, mas apta, todavia, a recolher e espriar os múltiplos sentidos culturais que se impregnam na sua operação simbólica básica, que é a de – através de um rito primordial, o homem enfrentar o outro (e, por decorrência especular, a si mesmo) através de uma guerra simbólica em que o fundamento não é a morte, o aniquilamento do outro, mas a sobrevivência de todos, numa perspectiva festiva e prazerosa (Nascimento, 2014, p. 67-68).

Ao longo de seu ensaio, Nascimento (2014) busca mostrar que o futebol deve ser visto além de sua possível representatividade na crônica, porque possui elementos muito semelhantes aos da literatura.

O futebol tem em comum com a literatura, portanto, nessa perspectiva estrutural e ontológica já aludida, ao menos o seguinte, conforme poderemos constatar ao longo desse nosso arrazoado sobre o tema:  
Ambos constituem um tipo de jogo (um de bola, outro de palavras) e como tal possuem suas regras;  
Tanto o escritor quanto o jogador de futebol inventa dentro de certos limites, sendo a subversão radical desses limites a arte dos gênios nos dois casos;  
(Nascimento, 2014, p. 68)

Ainda vai além ao afirmar que tanto na literatura quanto no futebol, existem elementos estruturais em comum, como a presença de uma narração e, conseqüentemente, de um narrador (ou vários narradores-autores), bem como a passagem do tempo, que precisa ser dominado ainda que isso seja tecnicamente e conceitualmente impossível. Além disso, ambas as áreas apresentam personagens que desenvolvem ações no tempo e no espaço, formando assim um enredo, que pode se traduzir em uma partida de futebol ou em uma obra literária, seja ela conto, romance ou poema, por exemplo.

Concluimos que há uma subdivisão no modo como a literatura se dedicou ao futebol; ora o tratou como um elemento de distinção entre classes sociais, ora como um elemento que difere a América Latina da Europa, na medida em que utilizava os conceitos de raça em sua pluralidade como um fator positivo para o seu desenvolvimento como nação. No caso português, o desenvolvimento do futebol foi deliberadamente retardado por conta do Estado. Assim como no Brasil, também por

um período representou uma atividade de lazer apenas destinada às elites, assim como uma série de outros esportes.

Outrossim, por ser uma atividade de fácil realização e de difícil controle, tornou-se rapidamente um esporte de prática democrática. Paralelamente à sua difusão em território luso, por causa do retardamento de sua profissionalização, enquanto nos outros países já se realizavam transferências e os jogadores eram profissionais, esse processo ainda caminhava lentamente em Portugal.

Apesar disso, ao ser dado o início do processo de profissionalização, ficou em destaque sob a pena do escritor Romeu Correia a perda do caráter sadio da prática esportiva, quando feita apenas como “o esporte pelo esporte”. O futebol se torna uma opção de melhora de vida para as pessoas que vivem à margem em uma sociedade desigual. O futebol não era, no caso português retratado no romance, como algo que representasse uma identidade nacional e, sim, um meio de sobrevivência e de fuga das dificuldades.

Por esta razão, adotamos o seguinte caminho: a busca pelos significados iniciais e ulteriores da obra *Desporto-Rei* (1955) se deu mediante o diálogo da literatura com a sociedade e as ciências que a estuda, não negando o caráter artístico que a obra pode ter, mas tendo a consciência de que a obra literária é um campo de plurissignificação, que utiliza os elementos sociais não como externos, mas internos na obra literária, que produzem efeitos em quem entra em contato com ela; também verificamos que no romance existe uma demonstração dos efeitos que o futebol causa em quem se deixe afetar por ele, seja dentro ou fora de campo.

## 4 CONTEXTOS

Os quadros que aqui nos interessam, tanto do desenvolvimento do futebol português quanto da sua aparição na literatura, são contemporâneos ao Estado Novo, comandado por António de Oliveira Salazar, a quem cabe a menção, por ter deixado suas marcas tanto na literatura quanto no futebol e, ao longo de todo o trabalho, foram cotejadas informações sobre o período histórico do autor e da obra, a fim de ampliar a elucidação do romance que aqui buscamos dar.

Por conseguinte, faz-se necessária a definição de como as questões relacionadas à literatura e à prática esportiva eram tratadas por Salazar, em Portugal. Meneses (2011), ao apresentar os primeiros ideais de Salazar na política, demonstra bem quais as suas perspectivas para a sociedade de seu país:

A família era, para Salazar, “a célula social cuja estabilidade e firmeza são condição essencial do progresso”, e a sua defesa era um imperativo Estado. Salazar pronunciou-se contra o divórcio, recentemente introduzido pela república, e, ao fazê-lo, declarou-se abertamente retrógrado, um “fóssil” no que tocava a direito das mulheres: “para mim, o maior elogio da mulher é ainda o epitáfio romano: “Era honesta; dirigia a casa; fiava lã”. A pátria era a família em letras grandes. [...] O trabalho, afirmava Salazar, era mais do que a simples criação de riqueza; era, ele próprio, uma escola de virtudes. Partindo dessa premissa inicial, Salazar passava então a abordar o papel do cristão na política. Portugal, defendia Salazar, podia ser uma República, mas não era uma democracia (Meneses, 2011, p. 48).

Além de defender interesses claramente baseados em sua religiosidade, o regime de Salazar colocou em prática um projeto de criação de “homem novo”. Apoiando-se em Fernando Rosas, Kumar (2014) aponta que o Estado Novo instituiu um aparelho ideológico e autoritário que conseguiu entrar no cotidiano das pessoas, incluindo nos lazeres. Desta forma, as atividades que deveriam ser destinadas ao lazer também foram afetadas pela ideologia do Estado. Além, é claro, de intervenções em obras literárias que julgasse impróprias.

Nesse sentido, é de fácil compreensão que o Estado Novo não alimentou o crescimento dos esportes; pelo contrário, retardou-os, pois tinha como interesse que eles funcionassem como um fim em si mesmos: “Verificamos que o desporto foi essencialmente concebido pelas instituições do regime como um instrumento de regeneração da raça, pensado, portanto, a partir das suas propriedades higiénicas e disciplinares” (Kumar, 2014, p. 19).

Em *Portugueses na V Olimpíada* (1988), Romeu Correia fez a sua contribuição à história do esporte português, mostrando o quão difícil foi a evolução do esporte de

maneira geral em Portugal. A profusão de qualquer esporte só acontecia mediante a influência estrangeira. Segundo Correia, esportes como cricket, tênis, ciclismo, futebol, ginástica, pugilismo e atletismo tiveram cidadãos britânicos como suas principais inspirações. Além disso, a influência de estrangeiros foi fundamental para a criação de alguns clubes esportivos. “A presença de estrangeiros pedalando, chutando uma bola ou remando em nossas águas, tanto no norte como no sul do país, ou em outras localidades ribeirinhas, inspirou muitos jovens a se interessarem pelo esporte mais tarde” (Correia, 1988).

Kumar (2014) vai mais além:

Em resumo, a par das dificuldades financeiras e organizativas, as primeiras participações portuguesas nos Jogos Olímpicos reflectiam ainda a hegemonia das classes sociais responsáveis pela introdução do desporto em Portugal, a persistência do amadorismo, a importância de modalidades de cariz aristocrático e militar, caracterizadas pela necessidade de equipamento raro e de alto custo, obstáculos incontornáveis à sua popularização e, finalmente, por uma concepção mais distintiva do que competitiva dos desportos modernos (Kumar, 2014, p. 37).

Segundo Domingos (2014), em seu artigo *Lutas pelo corpo desportivo: educação física e o futebol em Portugal durante o Estado Novo*, desde o final do século XIX, em Portugal, foi estabelecido um campo de práticas e consumo esportivo que gradualmente se tornou mais sólido. Esse espaço de intercâmbio e relacionamento, que inicialmente era pouco estruturado, foi construído não apenas através da fundação de associações e clubes esportivos, mas também com a intervenção do Estado e suas instituições.

Domingos (2014) segue afirmando que uma das razões que levou à discussão da educação do corpo em outras instituições do Estado, como no sistema escolar, foi a ideia de que a responsabilidade de tornar os cidadãos nacionais aptos para o combate e defesa não deveria ser exclusivamente da instituição militar. Isso fez com que a educação física passasse a ser incluída nos currículos escolares, como parte das discussões sobre pedagogia. Com isso,

O indivíduo devia estar consciente da moral que presidia aos seus movimentos e compreender como o seu corpo em movimento representava uma ideia de sociedade, controlada pela técnica e pelo conhecimento e que ritualmente era apresentada a um público (Domingos, 2014, p. 25).

Quando definiu o seu modelo de educação física, os especialistas do Estado Novo buscavam afastar as práticas corporais consideradas certas das que



consideravam erradas. Entre as que menos recomendavam, estava o futebol. Indo além,

O regulamento de Educação Física dos Liceus, aprovado em 1932 pelo decreto n.º 21:110 de 16 de abril, proibia os “desportos anglo-saxônicos e os jogos atléticos, bem como os desafios e matchs e, geral, especialmente os de foot-ball, visto ser nulo ainda o seu papel educativo, e cujos malefícios são óbvios (Domingos, 2014, p. 26).

É importante salientar que o modelo de educação física em Portugal surgiu de uma combinação entre o conhecimento técnico especializado em educação corporal e os objetivos ideológicos muito presentes durante as primeiras décadas do Estado Novo. Ao analisar os princípios que regulavam as instituições do Estado Novo dedicadas ao ensino da educação física, fica evidente a importância central do corpo nesse projeto de educação geral, que foi estabelecido inicialmente pela Reforma Educativa de 1936.

Podemos assim chegar a duas conclusões: o Estado Novo não era próximo da prática esportiva e, quando a aceitava, fazia-o mediante a um uso que poderia, na sua visão, ser benéfico para o controle do Estado. Avançando nesta linha de pensamento, ao desenvolver o seu modelo de educação física, os especialistas do Estado Novo buscaram distinguir as práticas corporais consideradas corretas das consideradas inadequadas. Dentro das atividades físicas consideradas menos recomendáveis estava o futebol, que era considerado o menos apropriado entre os chamados "jogos desportivos"

Segundo Domingos (2014), apesar das suposições negativas em todo do futebol, em Portugal, o jogo expandiu-se rapidamente, através do fomento das redes de clubes e associações. Nesse sentido, o caráter criado pela prática inicial da modalidade foi abandonado, deixando de ser restrito a uma elite nacional.

Na sociedade portuguesa grande parte dos corpos que praticavam o jogo pertenciam a classes populares, as mesmas que as instituições estatais queriam regular e incluir na moral da nação mediante a aplicação do seu modelo de práticas físicas. O pensamento sobre o corpo desportivo era também um pensamento sobre o lugar das classes e dos indivíduos na sociedade, embora quase sempre os seus destinatários fossem homens (Domingos, 2014, p. 35).

Ao se observar as ações estatais com relação ao futebol, encontra-se em evidência, o que Elias e Dunning (1992) chamam de “controle da excitação”. Este controle tende a desaguar, por conseguinte, em uma falta de interesse pela prática esportiva; o que já se havia dissociado de uma naturalidade disponível para todos e

se tornou algo meramente aristocrático, que possuía, conseqüentemente, raízes morais que determinaram o seu exercício.

Em busca de uma origem dos conceitos de bom ou ruim que norteiam a sociedade, Nietzsche (2009) sinaliza que os juízos de valor cavalheirescos-aristocráticos se diferiam do modo de valoração nobre-sacerdotal. Enquanto para aquele seria ideal uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, não se vendo com maus olhos guerra, aventura, dança torneios, etc., este teria como pressuposto que a guerra seria mau negócio, pelo simples fato de que, para o filósofo, seriam os mais impotentes em uma disputa.

Com relação ao futebol, ao contrário do que o senso comum pode julgar, ele não foi o primeiro movimento feito com uma bola pela humanidade. Como exemplo disso, tem-se o caso das sociedades do México pré-hispânico, nas quais, de modo distinto do feito atualmente, as práticas com bolas faziam parte de rituais.

Conforme destaca Wisnik (2018), em sua modalidade mais conhecida, o jogo não se utilizava das mãos e pés, mas sim, das ancas e nádegas, partes do corpo com as quais se golpeavam a bola a fim de que ela atravessasse duas argolas de pedra presas no alto, como cestas de basquete. Wisnik continua afirmando que, resumidamente, as práticas de jogar bola na Mesoamérica pré-hispânica, que foram perdidas no tempo, apresentam um caso extremamente desafiador para a análise, pois combinam jogo e ritual em uma coalizão única. Isso só foi possível graças à união da forma esférica com o material de borracha, que deu a essas práticas uma ludicidade singular, um controle emancipador do espaço e uma dimensão cósmica rodeada pelas sombras da violência ritual. Mesmo com as partes opacas para a nossa compreensão, é possível notar uma associação inseparável entre os movimentos da bola, a chance, a violência, a ordem social e a ordem cósmica

Essa comparação com um esporte-rito pré-hispânico se faz necessária, pois, segundo Wisnik (2018) apoiando-se em Lévi-Strauss, começam a aparecer alguns fatores que distinguem o esporte moderno – que no nosso caso interessa mais o futebol – das práticas de antes, que seriam:

no futebol moderno parte-se da igualdade para a diferença, do zero a zero para a vitória e a derrota (o jogo é subordinado ao princípio da concorrência universal, e quer fazer valer, dentro de regras reciprocamente aceitas entre humanos, a afirmação do mais forte); no rito parte-se da desigualdade para a igualdade, do desequilíbrio entre o profano e o sagrado, os mortos e os vivos, o sol e a escuridão, para a suspensão simbólica da inferioridade terrível do humano diante da natureza e da morte (Wisnik, p. 54, 2008).

Do período clássico ao pré-moderno, o que se pode afirmar sem receios é o fato de que, excluindo-se o esporte-rito, o que sobra são práticas esportivas que estiveram sempre destinadas à aristocracia.

Quando surge na Inglaterra, dá-se com o futebol novos passos, que irão configurar então um “novo lugar”, que se diferencia dos movimentos aristocratas que fugiam do contato físico e viam essa – por que não dizer agressividade – como algo menor e que não mereceria presença nos lugares privilegiados da sociedade. Entretanto, ainda que ocupe esse “novo lugar”, o futebol ainda era um momento de lazer, fora de disputas que pudessem oferecer algo a mais além do divertimento.

O que mais nos chama a atenção é a definição de Domingos (2014) acerca das competições de futebol em Portugal:

Nas competições de futebol organizadas pela estrutura associativa, pelas federações, associações e clubes, a paixão criava um conflito permanente que em muitas ocasiões redundava em agressões físicas e verbais, por vezes estimuladas pelo próprio público. Esta era uma das razões pelas quais o modelo de educação física do regime desconfiava dos espetáculos organizados pelo movimento associativo desportivo. [...] Os jogos de futebol converteram-se em um meio de expressão de uma condição social e a sua disciplinarização, não apenas no que respeitava o comportamento dos espectadores, mas também o do público, um exemplo de socialização estatal das classes populares (Domingos, 2014, p. 27).

Assim, mesmo com a falta de apoio estatal, o futebol em território português, ainda que lentamente, foi dando seus passos a caminho da profissionalização. Tal cenário foi proporcionado pela sua prática que não necessitava de muitos gastos financeiros para ser realizada. Com isso, a base aristocrática foi dando lugar aos estratos sociais menos favorecidos, culminando num processo rápido de popularização.

Com a popularização, de acordo com Kumar (2014), o objetivo central do desporto tornou-se ganhar, superar recordes e conquistar troféus, mesmo que idealmente devessem ser procurados para o engrandecimento nacional e não como um meio de obtenção de recompensas materiais. A comercialização desses desportos, como o ciclismo, boxe e futebol, e o aumento do interesse do público por eles, acabou por transformar o campo desportivo em Portugal, fazendo com que o futebol passasse a ser um meio de vida.

A expansão da atividade desportiva em Portugal não foi apenas impulsionada por iniciativas estatais ou organizações da sociedade civil, mas também por interesses

comerciais e o cenário descrito no romance já aponta para um momento em que os comerciantes demonstram-se cômnicos das vantagens que o futebol pode oferecer.

Ainda que em Portugal outros esportes tenham sofrido a mesma movimentação, como é o caso do ciclismo e do boxe, aqui, o que nos interessa mais especificamente, é o futebol e a sua relação com a literatura. Entretanto, por mais que o futebol estivesse conseguindo vencer as barreiras políticas, os efeitos causados pela proibição da profissionalização foram sentidos por um longo período.

Segundo Serrado (2009), por mais que houvesse quem recebesse alguma quantia elevada por jogar futebol, a grande maioria dos jogadores tinham que dividir sua vida entre o campo de futebol e o trabalho, o que resultava em precárias condições para o desenvolvimento do esporte. Como resultado, o rendimento físico era baixo, assim como os conhecimentos técnicos, táticos e mentais, em comparação com qualquer outra nação que houvesse profissionalizado o futebol com anos de antecedência. Era comum que os jogadores se dividissem entre outras atividades laborais, fossem formais ou não. Do contrário, colocariam em risco a vida familiar, por viver apenas de sua paixão pelo jogo.

Este cenário só começa a mudar nos anos 50. Nesta década é dada a reviravolta no futebol português, segundo Serrado (2009) foram anos de significativas mudanças no futebol português. Houve a esperada profissionalização, a construção de grandes estádios e a adoção de táticas mais competitivas, em sintonia com o estilo de futebol praticado nos países europeus mais desenvolvidos. Estas mudanças foram responsáveis pela primeira "década de ouro" do futebol português.

## 5 *DESPORTO-REI (1955) E A PERDA DA PUREZA*

Em *Desporto-Rei* (1955), Romeu Correia apresenta ao leitor um processo em curso na sociedade portuguesa pós-guerra: a incontrolável perda da pureza na prática esportiva, mais especificamente no futebol, esporte que, apesar de amarras sociais, cresceu de modo exponencial, alcançando assim a posição de estar em vias de abandonar a exclusividade de um caráter de ócio – que possuía quando era apenas praticado pela camada privilegiada da sociedade – passando a ser um objeto de ganância de pessoas envolvidas com o comércio e uma esperança de ascensão social, para aquelas que não faziam parte da camada abastada da sociedade portuguesa.

Diferentemente do que se pode pensar em um primeiro momento, o desenrolar do romance não se debruça sobre partidas de futebol majoritariamente. Indo em direção diversa, *Desporto-Rei* (1955) demonstra uma preocupação de seu autor com as mudanças ocorridas no entorno da prática do esporte, caracterizando, assim, uma visão saudosista, que denuncia a crença de que uma melhor prática esportiva existia quando o futebol não havia sido atravessado pelo capitalismo.

Como já referido anteriormente na seção destinada à vida e obra do escritor Romeu Correia, compõem boa parte de sua vida as suas aspirações sociais e esportivas e elas possuem um grande reflexo em suas obras, sejam elas contos ou romances. Desse modo, somos compelidos a relacionar os seus escritos a sua realidade, seja em suas obras que dão conta do mundo laboral de sua região, mais precisamente em Almada, seja nas que são destinadas a contemplar a situação do mundo esportivo português de seu tempo, em livros documentais ou no romance *Desporto-Rei* (1955), que é nossa obra chave.

Por mais que não fosse adepto propriamente do movimento neorrealista, seja como leitor ou escritor, a força da realidade em que vivia foi tamanha, no que tange à motivação, que não pôde fugir dela e o fez do seguinte modo que adotamos para realizar a leitura literária: realizando uma demonstração ficcional dos efeitos que o futebol, poderia causar em seus leitores.

Nesse sentido, chegamos à seguinte conclusão: a impossibilidade de afirmar categoricamente que Romeu Correia tratava o futebol como um objeto artístico ou talvez literário - como uma poesia ou um texto em prosa – não nos impede de identificar que o modo como ele retratou o esporte, que foi a partir dos resultados

deles nos indivíduos que o praticam – esteve marcado por aspirações que podem ser individuais do autor: uma crítica à perda da pureza no esporte.

O futebol não era o único esporte praticado e difundido pelas associações. Além disso, teve seu início ignorado, conseqüentemente não estimulado e, posteriormente, sua profissionalização proibida, sob acusações de que causaria um descontrole social e emocional em seus praticantes e assistentes. Entretanto, as situações adversas não foram suficientes para impedir o seu desenvolvimento. Para demonstrar a sua transformação em um esporte – digamos – superior aos outros, ao menos economicamente, Correia cria um espaço ficcional onde há um pequeno clube que possui a chance de chegar a primeira divisão nacional. Por razões que não são esportivas, existem grandes expectativas em torno desta situação.

Nos tempos que correm, uma progressiva vila da província não ter o team de honra de um clube a disputar o campeonato de futebol da 1.<sup>a</sup> Divisão - é motivo de pesar e até certa contrariedade. Depois das mais urgentes aspirações materiais, não faz sentido que um concelho de vinte mil almas, como o de Vila Clara, vegete no torneio inferior da 2.<sup>a</sup> Divisão. Não faz sentido. Boa posição no comércio, Indústria Florescente, e abundância de belezas naturais, que são o engodo dos turistas - impõe-se, por legítimo direito de conquista, que tenha um lugar, na próxima época, no campeonato principal (Correia, 1955, p. 7).

À luz do que diz Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2000), o social não nos interessa como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (Candido, 2000). Nesse sentido, o social passa a ser um dos fatores que interferem no livro. Candido (2000) também aponta os riscos que isso pode causar, como crer que basta analisar a realidade de fora da obra para entendê-la, quando na verdade a sociologia não deve passar de um auxílio que não explica o fenômeno literário; apenas esclarece algumas de suas particularidades.

Em contrapartida, mais adiante, Candido (2000) sinaliza que os elementos que ora são individuais, podem adquirir um significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas que, quando agem, permitem que os indivíduos se expressem, encontrando repercussão no seu grupo social. Assim, as relações entre o artista e o grupo se baseiam nesta circunstância, desaguando uma obra marcada pela sociedade, como instrumento para a veiculação das suas aspirações individuais. A defesa que Romeu Correia assume no romance é a do grupo do qual ele mesmo faz parte.

Diante do exposto, assumo aqui o que considera Balsemão (2008) sobre as personagens da ficção de Romeu Correia. Ela afirma que todas elas são representatividades do meio social almadense, encaixadas na realidade diária do povo. Diz ainda que “Cada indivíduo tem um nome próprio, e um feitio muito seu. Nunca se trata de uma massa evidenciada colectivamente e ainda menos de marionetas que obedecem aos preceitos e às regras de qualquer arte ou corrente” (Balsemão, 2008, p. 21).

Cabe salientar que *Desporto-Rei* (1955) não foi o primeiro romance em que Romeu Correia abordou a temática do futebol relacionado ao trabalho. Aconteceu, também, mas de modo secundário, no romance *Os Tanoeiros* (1976). Nele, Romeu Correia já ficcionaliza sobre a situação do futebol em sua terra. Os praticantes do esporte eram amadores, que se dividiam entre a prática do futebol e as várias horas de trabalho, extremamente necessário para a sua subsistência.

O olhar observador de Correia já percebia que o futebol poderia representar uma chance de mudança de vida para os mais pobres, embora também configurasse um abandono do que parecia ser a prática ideal do esporte. Há, neste romance, um personagem que era um jovem aprendiz de tanoeiro que começou a se aventurar no jogo. Tamanho foi o seu sucesso, que foi comprado por um clube de Lisboa, passando a ser invejado pelos companheiros de trabalho, pelo simples fato de que o futebol lhe proporcionou a possibilidade de abandonar o trabalho manual.

Pode-se, então, concluir com as palavras de Balsemão, como Correia já apresenta o esporte: “O futebol não é apenas um desporto qualquer, antes é um modo particular de convívio, que coloca na frente da mocidade necessitada, mas decidida, um alvo a atingir” (Balsemão, 2008, p. 77).

No romance, fica claro que o que acontecia dentro do campo não é o objetivo principal:

- Não me refiro ao facto de ganharmos ou perdermos o desafio de domingo... Não! Isso está entregue às contingências do jogo: a bola é redonda... – E, noutro tom: Há um outro caso que me parece bastante descurado... refiro-me à maneira parcial com que foi constituída a gerência do Vila Clara!... (Correia, 1955, p. 73)

Na leitura de *Desporto-Rei* (1955), percebe-se que as razões pelas quais o esporte deva ser praticado e evoluído nada tem a ver com questões de saúde e bem-estar social. Temos contato, nesse sentido, com interesses comerciais por parte dos homens que gerem o clube que parece, nesse momento, ser o personagem principal.

Esses, tomaram conta dos movimentos associativos que, segundo Kumar (2014), foi crucial para a virada de chave no pensamento que coordenava a prática esportiva no país.

A sedimentação de sua estrutura para filiações, dando possibilidade de prática de várias atividades esportivas resultou em identificações clubísticas que mais tarde viriam se tornar o estopim de tradicionais rivalidades. Com isso, “A exaltação do lazer dos praticantes cedeu gradualmente perante uma intensa competição entre os clubes cada vez mais empenhados em funções de representação comunitária” (Kumar, 2014, p. 18).

Quando o foco da narração incidia sobre o que acontecia dentro do campo de futebol, a competição é demonstrada como algo que aflorava os mais variados sentimentos, que por muitas vezes não eram saudáveis:

À medida que a bola incidia sobre o campo adversário, progredia a massa humana na direcção do local decisivo. Cotovelos, joelhos, mãos crispadas sobre as costas do vizinho – berros, assobios e obscenidades contra quem contrariasse a opinião de conveniência (Correia, 1955, p. 213).

O Estado Novo, assim como qualquer regime totalitário, desenvolveu uma política de propaganda. Porém, no que tange ao futebol, é possível afirmar que, inicialmente, não houve uso desse esporte como instrumento de propaganda por sua parte. Em vez disso, na verdade, em 1942 foi decretado o amadorismo do futebol em Portugal, quando em outros países o esporte já possuía o estatuto de profissional.

No romance, que se situa durante a década de 1950, há a indicação que a criação de clubes que se dedicavam a uma prática voltada à profissionalização datava de um período anterior, ainda que fosse proibido.

Quando da intervenção do País na Grande Guerra, o gosto pela prática do futebol afrouxou, chegando mesmo quase a dissipar-se; mas, após o Armistício, o entusiasmo ressurgiu como nunca. E assistiu-se um incremento espantoso da modalidade. Fundaram-se clubecos por todo o concelho [...] (Correia, 1955, p. 86).

A narração do romance se debruça sobre a semana que antecede à partida decisiva entre o clube local – Vila Clara – e o seu rival, em que se decide qual dos dois clubes ascenderia à primeira divisão, trazendo a esperança de sucesso financeiro para a cidade. No dia da partida, não há dúvidas sobre qual a real importância de seu resultado: “– Hoje não se defrontam apenas duas equipas, mas também duas regiões, que disputam um predomínio econômico!” (Correia, 1955, p. 99).

Contudo, por boa parte da extensão da narrativa, a partida decisiva fica em segundo plano, mostrando-nos, minuciosamente, as tensões psicológicas que



permeiam os envolvidos no que à época se chamava de *match* – seguindo o carácter britânico ainda muito presente no futebol: os dirigentes do clube que nada entendiam de futebol ou qualquer outro esporte e apenas ali estavam em busca de lucros financeiros; os jogadores, que apesar de serem da mesma equipe, faziam parte de grupos diferentes, a saber: os estrangeiros, os iniciantes na prática futebolística e aqueles que já haviam feito uma história no esporte inglês e que ali estavam naquele momento para encerrar a sua carreira com alguma dignidade, além das memórias de um célebre jogador do passado, pai do melhor jogador da equipe.

Correia, então, demonstra que processos estavam em curso, tendo como primeiro enfoque, a proliferação da prática futebolística baseada no comércio. Como Kumar (2014) refere, o crescimento e a difusão do futebol deveu-se mais à comercialização dos lazers e ao alargamento de uma rede associativa do que ao investimento estatal (Kumar, 2014). Indo mais além, também demonstra que a prática de controlar a prática desportiva federada e comercial era algo comum em países que tinham um regime semelhante ao salazarismo.

No romance, o clube retratado em primeiro plano, é gerido por pessoas que nada entendem do esporte e apenas buscam crescimento financeiro, perdendo, assim, o suposto carácter amador e saudável. São os primeiros passos dados em direção ao uso do futebol como negócio pelos gerentes, e profissão para os jogadores.

— Quem é você, Carvalho?; — E respondeu pelo outro:  
— um industrial, dono da “Moagem Boa Nova”; enfim, um tipo de massa que nunca praticou desporto... E é o presidente da direcção (Correia, 1955, p. 77).

Antes, na mesma discussão sobre a composição da gerência do clube, os dirigentes se mostram mais conscientes ainda de sua situação: “– Repito: na escolha dos corpos directivos do clube fomos parciais! Desde a primeira hora de gerência que esta gente nos vê como uma facção de interesseiros!...” (Correia, p. 75, 1955).

O futebol não era o único esporte a ser praticado pelas comunidades associativas. No entanto, como foi o que ganhou maior notoriedade pela sua popularização, isso fez com que as outras modalidades acabassem perdendo seu espaço. “O futebol era, então, uma modalidade entre outras que se praticavam no Vila Clara. Raro era o associado que não exercia a prática desportiva. O espetáculo como emulação não interessava” (Correia, p.148, 1955). O que interessava, então, aos praticantes e espectadores?

A partir dessa situação, cria-se uma rivalidade entre os que tomaram conta do clube e instauraram o futebol como modalidade principal e aquelas que tiveram o seu espaço diminuído. Com isso, cartas anônimas começam a ser enviadas à direção do clube com tons de ameaças e reclamações por causa da atual situação. Em uma delas, um trecho define o momento:

Hoje, esse futebol romântico e aventureiro, que se jogava em qualquer azinhaga e usava a fralda de fora... morreu. Em seu lugar há um Desporto de eleição, que arrasta multidões e pode, graças ao seu poder magnético, guindar à prosperidade e à glória o mais obscuro dos concelhos (Correia, p. 99, 1955).

Incursões que remontam a um passado glorioso e saudosista do futebol são corriqueiras ao longo do romance. Tomam lugar de destaque as que são feitas para tratar de um suposto amor à camisa por parte dos jogadores do passado. Segundo Kumar (2014),

Neste período de praticamente quarenta anos foi-se gradualmente construindo o mito do “amor à camisola”, a nostalgia de um período remoto e inaugural do futebol em Portugal, no qual os atletas se moviam por paixão e valores morais mais do que pela busca do lucro, um tempo em que os amadores se sobrepunham aos que eram, no quadro dos valores ainda dominantes, classificados como mercenários (Kumar, 2014, p. 71).

As citações aos jogadores antigos ocorrem de duas maneiras: aos que ainda jogam no final de suas carreiras e aos que já não estão mais vivos. Os primeiros, ainda estão presentes no clube Vila Clara:

O velho “internacional” não perdoava ao estrangeiro tê-lo relegado para a condição de simples jogador, a ele que, nas épocas anteriores, acumulada a função de treinador. O drama da sua decadência transparecia agora, raivosamente, embora a sua disciplina de desportista o espartilhasse sempre. Justo, o defesa-central do Vila clara, fora há uma dezena de anos um “nome” dos maiores do Futebol Português. Dezassete vezes envergara a camisa das “quinas”, actuando em quase todos os países do Ocidente europeu e no Brasil. Milhões de pessoas sabiam da sua existência e do virtuosismo de que era prendado. Fora alguém e, agora, lutava para viver com decência e para aconselhar o filho estremecido, futebolista como ele, no qual via a mais perfeita encarnação do seu tipo e valor... (Correia, 1955, p. 19-20).

O “velho ‘internacional’” a quem se refere o jogador Justo, trata-se do treinador do Vila Clara: um ex-jogador austríaco que apenas aceitou treiná-los enquanto ocorriam as tensões antissemitas na Europa. Quando a narração nos dá a saber o que pensa o austríaco sobre os seus jogadores, vemos uma visão penas focalizada no que eles poderiam produzir em campo, com um viés negativo:

Sabia que estava perante uma fraca matéria-prima, um onze mesclado de veteranos e novatos, tudo posto a funcionar num golpe aventureiro da nova gerência. salvo o extraordinário rapazito loiro, que alinhava a avançado-

centro, e a asa esquerda, composta pelos dois argentinos, os restantes eram “umas coisas reles e usadas que para ali andavam a governar a vida...” (Correia, 1955, p. 17).

Os que ainda estão na prática que agora é profissional, sentem-se já excluídos por já não terem a importância que possuíam outrora porque como se instaurava como uma atividade laboral, quanto mais velhos ficavam, menos úteis eram para o serviço. Kumar (2014) relaciona este processo com a transição do país de uma economia ruralista para industrializada. Com isso, questões como a produtividade dos homens começam a surgir a partir do momento em que alcançam uma idade já avançada. Deste modo, com a profissionalização, jogadores mais velhos começam já a perder espaço. Essa temática coincide com outras obras de Romeu Correia, como demonstrado no capítulo dedicado ao seu perfil.

O jogador que já não estava mais presente, mas ainda era vivo na memória das personagens, se chamava Chico Pechincha, o pai do atual melhor jogador do Vila Clara. Ele é a representação do que podemos chamar de “amor à camisa” que se perdeu com a profissionalização do futebol.

A supremacia do amadorismo na prática desportiva no início do século XX foi o resultado da associação de grupos sociais favorecidos que conseqüentemente resultaram na exclusão das classes populares no segmento dos lazeres. A prática amadora compreendia uma relação com o esporte baseada em valores morais e educativos considerados superiores.

O profissionalismo era sinónimo de uma posição social inferior, de uma forma impura, que pervertia o princípio do “amor à arte” como um fim em si mesmo, mesmo quando se encorajava, noutros contextos nacionais, a competição entre os melhores amadores e os profissionais (Kumar, 2014, p. 29).

Encontra-se nessa situação uma semelhança com o processo de transição do amadorismo à profissionalização no Brasil. Segundo Rosenfeld (2013), era nítido que das camadas inferiores surgia um grande número de excepcionais. Ele atribui o fato a alguns possíveis fatores: a existência de um talento natural que o próprio futebol canaliza ou porque não eram estudantes de medicina ou direito e não possuíam uma profissão; assim, podiam lançar no jogo toda a sua paixão e não tinham nada mais a perder. Não obstante, não demoraria para o amadorismo que Rosenfeld (2013) chama de “falso”, carregasse um grande número de jogadores que passavam necessidades.

A insustentabilidade das condições de então espelha-se no número comovente de jogadores subnutridos que, seja por uma fidelidade tocante ao clube, seja por necessidade, para ganhar seu “bicho”, pegavam tuberculose sem mencionar aqueles que, tornados incapazes por acidentes graves, morriam na miséria. (Rosenfeld, 2013, p. 87)

Destarte, Chico Pechincha seria a ilustração deste momento em que para se jogar futebol, o indivíduo que não possuísse uma condição financeira abastada, colocaria em risco o governo de seu lar, em troca do que chamamos de um “novo lugar” que o futebol passaria a ocupar ao abrigar pessoas de classes sociais inferiores.

O seu rancor ao Vila Clara e às sucessivas gerências vinha-lhe do tempo do marido Chico Pechincha, o futebolista célebre, que todos recordavam com saudade, não passara de um péssimo chefe de família. Ingênuo e desinteressado até ao sacrifício, arriscara a saúde e o governo do lar numa época em que havia mais gente para jogar futebol do que para assistir... E a velha Balbina esperou que a sua hora chegasse, agora que o seu Amílcar trilhava a vocação do pai... (Correia, 1955, p. 46-47).

A mãe do jogador Amílcar, chamada Balbina, tenta tomar as rédeas da situação em que seu filho se encontrava àquela altura: por ser o destaque da equipe, começou a receber propostas com altas quantias para se transferir para outra equipe. O filho era a chance de se recuperar da pobreza vivida pelo fato do pai, pobre, ter se dedicado ao futebol semi amador, antes que houvesse uma remuneração adequada para essa função.

Amílcar fervilhava de entusiasmo. Ver subir a sua cotação de “noventa contos” para “duzentos”, num curto espaço de tempo, era de um jogador, com seus dezanoves anos, perder a cabeça. [...] A pobre mãe, que nunca conhecera uma vida desafogada, coitadita, ficara certamente de cabeça perdida. “Duzentos contos! O seu querido filho valia duzentos contos! [...]”. O seu rancor ao Vila Clara e às sucessivas gerências vinha-lhe do tempo do marido Chico Pechincha, o futebolista célebre, que todos recordavam com saudade, não passara de um péssimo chefe de família. Ingênuo e desinteressado até ao sacrifício, arriscara a saúde e o governo do lar numa época em que havia mais gente para jogar futebol do que para assistir... E a velha Balbina esperou que a sua hora chegasse, agora que o seu Amílcar trilhava a vocação do pai... (Correia, 1955, p. 46-47).

Essa situação não era atípica àquela altura e se tornou a virada de chave na evolução do esporte pois, ao adquirir cada vez mais o caráter de profissional, o futebol perdeu o seu caráter elitista e se tornou um meio de sobrevivência, um trabalho como qualquer outro, um meio de ascensão social, abandonando o ideal inicial de praticá-lo apenas como uma cultura física.

Amílcar não arriscou nenhuma palavra, embora estivesse atento aos comentários dos três homens que o acompanhavam. Havia em si como que um delicioso susto pelo deflagrar das sucessivas propostas. “A coisa cresce... E, se o meu treino desta tarde for presenciado por tipos de fora, eles ficaram, pela certa, **abandonados!**” **Era um prazer sentir-se disputado** (Correia, 1955, p. 99, grifo nosso).

Amílcar deixa-se levar pelo seu sucesso refletido nas altas propostas salariais. A partir de então, é possível notar o destaque dado ao sentimento do jogador com relação ao esporte: lhe interessava mais ser disputado e receber cada vez mais por

isso, do que o esporte em si. Esse era o retrato da prática do futebol à época: ainda que inseguro e instável, converteu-se em um modo de mobilidade social para os jovens das classes trabalhadoras (Kumar, 2014).

Em *Desporto-Rei* (1955), o tratamento dado por Correia a essa questão nos oferece a visão de atletas portugueses sobre esse tema. Como já se haviam iniciado, mesmo que timidamente, as transações de jogadores, o clube buscou, a fim de melhorar seu elenco, contratar jogadores sul-americanos e africanos, ou seja, estrangeiros, seguindo o estereótipo de que fora do país, em qualquer lugar, se jogava um melhor futebol.

Os argentinos que constituíam a asa esquerda do Vila Clara, Gomez e Alonso, cedo tiveram uma alcunha depreciativa - "as duas pilecas". Malabaristas espetaculares, combinavam bem nos respectivos lugares, mas estavam longe de ser as duas maravilhas que Procópio, o presidente do conselho técnico, propalara haver contratado, quando, no princípio da época, viera a Lisboa "às compras..." Jogadores de reserva em Buenos Aires, empreenderam uma aventureira incursão à velha europa, por no Sul das Américas correr a fama de no velho continente se jogar mau futebol. Assim, os dois rapazes sem cotação desportiva no seu país, tentaram o que tantos futebolistas sul-americanos enpreendiam todos os anos, tocados pelo espírito de negócio e aventura. Treinaram-se sob a vista de técnicos dos melhores clubes portugueses, e não foram aceites. Mas um director de um clube da 2.<sup>a</sup> Dvisão agradou-se deles e contratou-os por uma choruda mensalidade... (Correia, 1955, p. 33-34).

Eduardo Galeano (2008, p. 42), em sua crônica *A bola*, faz uma reflexão sobre esses jogos de poder entre a política e o futebol: "O futebol e a pátria estão sempre unidos; e com frequência os políticos e os ditadores especulam com esses vínculos de identidade". Como dito anteriormente, em Portugal, o regime trabalhou contrariamente à sua propagação e institucionalização. Porém, quando os olhares se voltam para as colônias na África, o que nos traz um cenário que apresentou características diferentes na posição da política perante o futebol.

Para Melo (2018) apoiando-se em Bhabha (2007), o discurso colonial tem por objetivo apresentar as populações colonizadas como pessoas que precisam daquele modelo de administração, com base na distinção de raças, com o intuito de justificar a conquista e o estabelecimento do modelo de condução da vida social. Esse modelo de condução, ao impor disciplina ao território subjugado, apropria e domina a maioria das esferas da atividade social, incluindo nessa alçada os esportes. Exemplo disso é Moçambique, onde o futebol foi levado à colônia para ser introduzido nas escolas por missionários católicos, para ser estruturado de modo

que refletisse e reforçasse um controle e domínio colonial, subjugando as características indígenas em relação a colônia.

Darby (2006) ainda aponta que o recrutamento de jogadores africanos pelo futebol europeu remonta aos anos finais da era colonial, muito por serem reconhecidas pelos europeus como ricas em recursos naturais, matéria-prima e, entre outras coisas, pela mão-de-obra barata. Neste período, uma série de clubes importantes, como o Sporting, o Benfica e o Porto, estabeleceu ligações com clubes dos territórios portugueses em África, bem como redes de observadores destinadas a localizarem, refinarem e, finalmente, exportarem jogadores talentos para o futebol português.

Por exemplo, a liga de futebol nacional foi baseada na estrutura administrativa da colônia, com o estabelecimento de equipas nas capitais das dez regiões que os portugueses delimitaram para facilitar a administração colonial do território. Alguns clubes receberam até os nomes dos principais clubes portugueses, como o Sporting, o Benfica e o Porto, e as populações locais foram encorajadas a desenvolverem uma afinidade com estas equipas. A medida pela qual o futebol português promovido pelas autoridades coloniais portuguesas como culturalmente superior ao futebol local ainda é exemplificada pelas transmissões radiofônicas dos jogos de futebol de Portugal e por visitas das equipas portuguesas a Moçambique (Darby, 2006, p.421).

Nesse sentido, a partir deste trabalho de base que foi realizado nas colônias, pode-se perceber como o esporte foi utilizado como o que Domingos (2006) chama de utensílios de poder. A prática esportiva quando perdeu o seu caráter amador, se mostrou como um belo caminho para o crescimento financeiro. Logo, começaram a aparecer possibilidades de transações envolvendo altos valores em dinheiro. Ao utilizar o futebol na África como um utensílio de poder, Portugal, mesmo após o final do período colonial, seguiu subjugando as suas antigas colônias, pois, por ter cultivado uma relação do futebol local com o da metrópole, possuía uma maior facilidade em recrutar os jogadores que fossem promissores à Europa, enriquecendo assim o seu futebol com uma boa matéria-prima e enfraquecendo o futebol africano. Isso, claro, para além das questões financeiras, pois os clubes africanos, assim, deixavam de receber quantias avultadas pelos seus jogadores, não podendo melhorar questões importantes como, por exemplo, a sua estrutura.

Um outro fator que colaborava com o enriquecimento do mundo desenvolvido às custas do mundo em desenvolvimento pode ser encontrado na questão do “regulamento da população indígena”. Em linhas gerais, um jogador natural de uma colônia, poderia ser assimilado e naturalizado com facilidade para defender Portugal,

como é o caso de Eusébio, um dos maiores ídolos portugueses e, assim, enfraquecia também as seleções africanas.

Ainda que inicialmente Salazar tenha rechaçado o futebol em Portugal, utilizou-o como instrumento de poder, a fim de manter a estrutura de dominação mesmo após o fim de suas colônias. Dominações essas que iam além do esporte, diminuindo a qualidade das equipes e seleções africanas, à subjugação financeira, devido a menor qualidade dos seus clubes devido a diáspora futebolística causada pela imigração globalizada que se instituiu no esporte.

Esse cenário, representado no romance, é uma das causas de negatividade dentro do mundo do futebol da época. O jogador Amílcar desenvolvia outro sentimento negativo perante à perspectiva da perda da pureza no futebol: sentia raiva por haver outros jogadores no seu clube atual que ganhassem mais. Os que mais recebiam eram os já experientes, ou os que chegavam de outros países, fossem latino-americanos ou africanos. Estes, em nenhum momento da narrativa possuem voz, apenas são dados a conhecer a partir da voz de outros personagens.

Estou farto de fazer fretes! Sou meio team, esfolo-me durante hora e meia, meto as bolas.. Há um ano para cá até chamam ao clube o Amílcar Futebol – e, no fim do mês, ganho uma miséria! Sim, a porcaria dum conto e quinhentos! E, mais enfurecido, diria: — Quanto pagam as pilecas dos argentinos? Quanto ganha a carroça do lixo do Justo? Qual é o ordenado desse preto que foi recebido na vila como um rei? (Correia, 1955, p. 24).

Utilizando-se do estudo de Candido (2005) sobre a personagem no romance, verificamos o que pode ser chamado de descrição fragmentária de um ser (real ou ficcional). Essa descrição fragmentária ocorre quando as personagens sempre são descritas por outras vozes – narrador ou outros personagens – e não pela sua. Quando um romancista versa sobre um tema desta maneira, retoma a insatisfação que temos na nossa vida em relação aos nossos semelhantes. Quando isso é feito em um romance, deve ser considerado que o autor o fez da forma consciente, delimitando e encerrando o que deve ser conhecido pelo outro (Bezerra; Rosas, 2019), como pode-se verificar no trecho supramencionado, em que o jogador a falar se trata da estrela da equipe, mas que, por ser português e não possuir experiência internacional, recebe menos que julga ser merecedor.

Essa escolha por uma defesa do jogador local demonstra também uma falta de interesse pela questão colonial, em vista dos claros sentimentos negativos por

parte dos jogadores que recebem um salário menor e a ausência de voz dos estrangeiros.

Já no final do romance, na voz de outro personagem-jogador, há o destaque para a mesma insatisfação mediante a baixa remuneração dos jogadores locais: “Caralinda, o ponta-direita, berrava agora como um possesso: Se fôssemos argentinos, ganhávamos “seis quilos” por mês!... Somos portugueses – não prestamos!...” (Correia, 1955, p. 280).

No desenlace da narrativa, o Vila Clara não alcança o seu objetivo de vencer a partida e alcançar a primeira divisão. Por conseguinte, como um dos resultados da derrota, outro aspecto negativo do futebol é posto em cheque: a violência, que era um dos fatores que afastava o governo português da prática futebolística.

– Sabes o que isto significa? – perguntou o droguista à mulher. – Perdemos no jogo, mas ganhamos na pancadaria!... [...] Fugiam camionetas dos nortenhos, sob terrível bombardeamento de pedrada. Pelos valados, na copa das árvores, surgiam adeptos do Vila Clara a fustigar os vencedores do desafio. Havia gente ferida dentro dos carros.[...] Berros, gritos, insultos – e pedrada e mais pedrada (Correia, 1955, p. 251-252).

A partir da frustração da derrota, os dirigentes do clube o abandonam e retorna a antiga gerência que não dava apenas atenção ao futebol. Como resultado, promovem uma volta das outras modalidades esportivas à associação.

Na ânsia de recuperar o tempo perdido, a “comissão directiva” do Vila Clara fez afixar pelas paredes cartazes de propaganda da reabertura das aulas de educação física. Abriu inscrições no “Café do Pires” e nas lojas mais afreguesadas. Espalho pelas montras fotografias dos bons tempos da ginástica aplicada, da volta ao concelho em bicicleta, da corrida da légua, pelo S. Pedro, e dos torneios de basquetebol (Correia, 1955, p. 303).

Entretanto, apesar do insucesso, outros comerciantes da região tentam negociar a gerência do clube outra vez, para manter o foco no futebol: “– É o Desporto-Rei... — advertiu o comerciante. – Toda a gente o joga. As multidões não querem outra coisa em todo o mundo...” (Correia, 1955, p. 309). Mas os que havia tomado a dianteira do clube, rejeitaram e mantiveram em curso a sua ideia de voltar a oferecer a todos os associados outras práticas esportivas.

– Tenham juízo! Querem desgraçar isto ainda mais do que está!? Daqui não saímos, ouviram? Sábado reabrem as aulas de ginástica! – E, exibindo, com orgulho, os desenhos de Jofre, espalhados pela mesa, concluiu: – Façam o verdadeiro Desporto e deixem-se de negociatas!... (Correia, 1955, p. 310).

Com esse tom de regresso ao que aparentemente faria melhor às pessoas, a narrativa se encerra, dando a entender que, naquele momento, o futebol profissional



não seria o único esporte a ser praticado naquela associação, pelo fato de que estaria sendo abandonada a sua melhor maneira de ser praticada. Entretanto, não há uma clareza de que esse objetivo seria alcançado.

Ricoeur (2009) aponta que uma obra pode ser fechada quanto a sua configuração e aberta com relação ao impacto que causa no mundo do leitor. Conforme ela atua, toda obra pode acrescentar algo que não estava ali antes. Apesar de todo fechamento responda a expectativas, pode não satisfazê-las em sua totalidade, deixando expectativas residuais.

Um fecho não conclusivo convém a uma obra que levanta propositadamente um problema que o autor considera insolúvel; não deixa contudo de ser um fecho deliberado e pensado, que realça de maneira reflexiva o caráter interminável da temática da obra inteira. A inconclusão declara de certo modo a irresolução do problema colocado (Ricoeur, 2010, p. 37).

Romeu Correia demonstrou, então, estar consciente de que a problemática por ele defendida não teria uma solução. Apesar de o problema parecer caminhar para uma melhora, -- na visão do autor -- a volta da prática amadora como atividade principal do clube, no próprio romance são dados indícios que o futebol já havia passado por um longo período de mudanças relacionados aos seus estatutos e a realidade indicava que a sua situação seguiria mudando, quisessem os saudosistas do futebol do passado ou não.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciaremos as considerações finais deste trabalho recuperando o que foi discutido em cada capítulo, com o objetivo de recuperar os pontos cruciais de nossa compreensão sobre a representação do futebol na literatura e o modo como Romeu Correia encarou os processos de mudança na esfera esportiva.

No primeiro capítulo, tratamos de apresentar a nossa perspectiva, que apontou para uma recuperação da origem da separação entre os regimes artísticos, verificando que ela possui um nascedouro elitista, que desconsiderou fatores importantes que, ao invés de separar, na verdade aproximam os esportes das artes.

Conseqüentemente, também expomos a visão adotada de que a arte e a literatura podem ter sentidos ulteriores aos originais de sua época; o leitor assume um papel importante nessas novas significações também se torna um ponto chave para a verificação de verdade da arte, a partir dos reflexos de seus resultados no leitor.

No segundo capítulo, apresentamos o romancista Romeu Correia com dois intuitos: dialogar com a sua fortuna crítica e reconhecer a importância de suas vivências em seus escritos. Apesar de escassa, a crítica que versa sobre o escritor almadense reconhece a sua importância. Embora houvesse quem o chamasse de populista, não corroboramos com essa afirmação, afinal, Romeu Correia fazia parte do povo do qual falava; não apenas o via de cima e o utilizava como uma motivação distante.

Comentamos, também, duas de suas obras, a fim de exemplificar o seu padrão temático: a transição de uma economia ruralista para industrial, que fez com que a população pobre ficasse mais pobre porque muitos perderam seu lugar em determinadas esferas laborais, o que acabou ocasionando uma maior desigualdade social em Portugal.

Além disso, realizamos uma caracterização do neorrealismo e apresentamos como a crítica literária da época se referia a Romeu Correia. Neste sentido, comentamos com o auxílio de referenciais da crítica literária, a fim de balizar o modo como aqui realizamos a nossa crítica.

Ainda com relação ao neorrealismo, relacionamos, por causa de sua temática social, o movimento com a ideia de mutações que atingem a literatura. Dialogando com Schaeffer (2013), Rancière (2009) e Perrone-Moisés (2016), apontamos que a literatura que não versa sobre temas que apenas circulam na alta sociedade não deve

ser vista como menor. Essa visão só existe a partir dos estudos literários que adotam uma visão segregacionista que exclui uma gama de possibilidades.

Por conseguinte, essa visão que parte de um lugar social que se considera acima dos outros, acaba por excluir certos temas que nascem em um outro lugar na sociedade. Sendo assim, consideramos ser esse o caso do futebol, por não ser um tema recorrente em obras literárias.

Entretanto, há quem considere o futebol como uma arte e também como uma linguagem e veja nele elementos literários, como Cornelsen (2006), Nascimento (2014), e Filho (2003). Nesse viés, no terceiro capítulo, equiparamos o futebol à literatura, no que tange a necessidade que ele supre no ser humano. Candido (2000) sugere que a literatura é um direito universal, visto que a fabulação é inerente ao homem. Vanoyeke (2004) indica que o movimento também o é, visto que o ser humano para abastecer muitas de suas necessidades precisa movimentar-se e até mesmo correr.

Em contrapartida, apesar de sua inerente necessidade, o acesso à leitura e à escrita acaba sendo determinado por razões que excedem o literário. Aquilo que Rancière chama de partilha do sensível determina o que e quem pode se conectar aos saberes e artes. Nesse sentido, encontramos o que pode ser a raiz da separação entre a literatura e o futebol: enquanto a literatura se situou numa posição aristocrática e, assim, elitista, o futebol, que inicialmente também o era, por diversas razões se dissociou deste espaço e ocupou um novo lugar, sendo tratado rapidamente como algo “do povo”, nascendo aí a sua separação.

Utilizando a literatura brasileira como comparativo, verificamos que o início da proliferação da prática futebolística coincide com o período de transição das fases pré-modernista, modernista e neorrealista. Contudo, o futebol só passa a ser de fato um objeto de observação dos literários através de crônicas, que para Candido (2003) era um gênero menor, por estar mais próximo do dia a dia mais comum.

No quarto capítulo, tivemos como foco demonstrar como se deu a transição de lugar do futebol na sociedade em Portugal, principalmente com relação ao seu estatuto profissional, abandonando o amadorismo.

Vimos, apoiando-nos em Wisnik (2008) que a prática de movimentos com bola é antiga na humanidade; em Kumar (2014), que a rede associativa – da qual Romeu Correia fazia parte – teve grande importância neste processo, além da transição de modelos econômicos, que transpôs para o esporte o caráter de trabalho e todos os

aspectos ora positivos ora negativos que carregava fazendo com que o futebol deixasse a parte privilegiada da sociedade e, assim, ocupasse um novo lugar; a falta inicial de interesse do Estado em sua prática.

Diante de todos esses diálogos, chegamos ao quinto e último capítulo para leitura o romance. No início, deixamos claro a concepção de literatura que norteia a nossa leitura: fuga da normatividade e crença de que os resultados de uma obra podem ser vistos nos homens após a sua recepção e que a obra literária pode e deve ter múltiplos significados.

Como também deixamos claro, não é possível saber com qual intenção um autor escreveu um livro. Por outro lado, demonstramos que o futebol pode ser visto a partir de seus elementos que podem caracterizá-lo como literário, por conta de seus modos de jogar, sejam cheios de rebuscamentos como uma poesia, ou pragmáticos como uma prosa; pelos seus personagens ou pelo narrador em terceira pessoa.

Assim, encaramos o romance como uma observação sobre os efeitos que o futebol, agora profissional, poderia causar em seus praticantes e observadores. Foi visto, dessa forma, a partir de trechos selecionados e comentados do romance, que em sua maioria são demonstrados efeitos negativos, como propensão à violência, interesses financeiros acima da cultura física e, com isso, a sedimentação do que se pode chamar de perda da pureza na prática do futebol.

Com o auxílio de Cândido, seja em *Literatura e sociedade* (2000), percebemos a importância dos aspectos sociais dentro de uma obra de ficção e como alguns aspectos dela podem se refletir dentro do livro. Desse modo, consideramos que a forma como Romeu Correia apresentou os efeitos do futebol nas personagens envolvidas reflete a sua insatisfação com o processo que resultaria num abandono do que por ele seria considerado como ideal na cultura física.

Consequentemente, esse processo acabaria por desmontar um privilégio de classe que se ancorava no nome “amadorismo” que apenas agradava aos conservadores. A hierarquização das modalidades, tendo o futebol ocupando o lugar de principal esporte, que aparece como crítica no romance, teve participação de interesses comerciais de do público, vencendo a inércia estatal.

A visão apresentada por Romeu Correia pode ser considerada como excludente, pois o apreço pela prática esportiva apenas como cultura física configura-se como um pensamento elitista. Não obstante, ao observar que os seus escritos apresentam um ponto de vista que nasce lugar de defesa pela sua terra, acreditamos

que esse sentimento local foi levado adiante mesmo que significasse a não percepção de outras questões importantes, como o uso colonial do futebol. Por isso, a sua atenção se voltou para a dupla ameaça que a profissionalização do futebol apresentava: a perda da prática saudável de um esporte que estaria associada a se converter em mais um meio de exploração e causador de desordem social.

Entretanto, a tentativa de concluir o romance com um fechamento que indicasse um desdém com relação à importância econômica do futebol reflete um desejo que rapidamente se mostraria inalcançável. O tempo nos revelou que apesar de perder a sua “pureza” inicial, alguns aspectos positivos podem ser levados em consideração, pois, como demonstramos, o futebol passou a ser também um meio de vida que culmina em ascensão social. O romance *Desporto-Rei* (1955) é a indicação do que estaria por vir, ainda que mal visto naquele momento.

À vista disso, concluímos que o que a literatura nos diz sobre o futebol através do romance *Desporto-Rei* (1955) é o que ela nos diz sobre ela mesma: o processo pelo qual passou o futebol que é apresentado no romance foi causado forçosamente pela força da entrada do capitalismo em sua realidade, devido às influências externas que existiam paralelamente a sua difusão. Entretanto, essas alterações não devem ser vistas como totalmente ruins, pois possibilitaram a melhora de vida de uma camada da sociedade. Assim como a literatura, o futebol foi atravessado por mutações, chegou a ocupar novos lugares e alcançou novos públicos que não devem ser vistos como inferiores; apenas diferentes e que suprem necessidades distintas das que existiam no passado.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Allyson Carvalho de. **Esporte No Cinema Contemporâneo: representações e outras sensibilidades culturais**. Natal: Editora IFRN, 2018.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Col. Os pensadores).

BADIOU, Alain. **Petit manuel d'inesthétique**. Paris: Seuil, 1998.

BALSEMÃO, Teresa. **Os mundos laboral e sócio familiar em Os Taneiros de Romeu Correia**. Dissertação em Estudos Portugueses interdisciplinares. Universidade Aberta. Lisboa, 2008.

BEZERRA, A. ROSAS, R. **Desporto-Rei, de Romeu Correia: O futebol e os estrangeiros no Estado Novo português**. Encontros de Vista, Recife, 22 (2): 15-28, jul./dez.2018 .

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim do Século, 2004b.

CANDIDO, A. A Personagem do Romance. *In: \_\_\_\_\_ et al. A Personagem de Ficção*. S. Paulo: Perspectiva, 2005. p. 51-80.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**. Publifolha. São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **A vida ao rés-do-chão**. *In: Para gostar de ler: Crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99

\_\_\_\_\_. **O direito à literatura**. *In: O direito à literatura*. Recife: Ed Universitária da Ufpe, 2012.

CASTANHEIRA, Alexandre. **Romeu Correia, um Neorrealista Esquecido**. Nova Síntese, Lisboa, n. 4, p. 127-136, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CONDEIXA, Edite Simões. **Romeu Correia: Antologia temática e abordagem à sua obra literária**. Edições Colibri, Lisboa, 2017.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. **A linguagem do futebol segundo Pasolini: "futebol de prosa" e "futebol de poesia"**. Caligrama, Belo Horizonte, v. 11, p. 175-203, 2006.

CORREIA, Romeu. **Desporto-Rei**. Lisboa: Clássica, 1955.

\_\_\_\_\_. **Os Taneiros**. Lisboa: Parceria, 1976.

\_\_\_\_\_. **Sábado sem Sol**. Lisboa: Ed. do Autor, 1947.

\_\_\_\_\_. **Portugueses na V Olimpíada**. Lisboa: Notícias, 1988.

DARBY, P. **Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial**. *Análise Social*, vol. XLI (179), 2006, 417-433

DOMINGOS, N. **Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano**. *Análise Social*, Vol. 41, No. 179, *Futebol Globalizado* (2006), p. 397-416

\_\_\_\_\_. **Lutas pelo corpo desportivo: educação física e o futebol em Portugal durante o Estado Novo**. *Revista Contemporânea de Educação*, vol. 9, n. 18, julho/dezembro de 2014.

\_\_\_\_\_. Uma sociedade vista do campo de futebol. In: GARDÃO, Marcelo; CASTELO, Cláudia (org.). **Gilberto Freyre: novas leituras do outro lado do atlântico**. São Paulo: Edusp, 2015. p. 180-197

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FLORENZANO, Giulia Catarina. **Lima Barreto, Drummond E Plínio Marcos: crônicas, futebol e identidade nacional**. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

HUGGINS, Mike. O OLHAR ESPORTIVO: para uma virada visual na história do esporte - documentando arte e esporte. **Recordre**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1-40, jan. 2014.

JORGE, Paulo Emanuel Ramos. **A oposição ao Estado Novo no concelho de Almada (1933-1974)**. 2019. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2019.

KUMAR, Rahul Mahendra. **A pureza perdida no desporto: futebol no estado novo**. 2014. 338 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Sociologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

LESSA, Fábio de Souza. ESPORTE NA GRÉCIA ANTIGA: um balanço conceitual e historiográfico. **Revista de História de Esporte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-18, dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordre/article/view/774>. Acesso em: 20 jan. 2022.

MELO, L. M. S. **As disputas coloniais e neocoloniais em torno do futebol: Portugal e França, dois casos significativos**. Revista de Ciências Sociais, nº 48, Janeiro/junho de 2018, p. 162-182.

MELO, Victor Andrade de. O esporte como uma forma de arte: diálogos entre (duas?) linguagens. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 111-129, maio 2005.

MENESES, Filipe Ribeiro de. **Salazar: biografia definitiva**. São Paulo: Leya, 2011.



NASCIMENTO, Edônio Alves. Da Crônica Jornalística Ao Conto De Ficção: o futebol como forma literária. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 63-85, jan. 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAIVA, J. R. de. **A Ficção Neorrealista Portuguesa e o Romance Nordestino de 30**: apontamentos para um estudo comparativo. *In: As Surpresas do Mágico: & outros ensaios*. Recife: Encontro, 1985. p. 67-82.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Col. Ospensadores).

RANCIÈRE J. **A partilha do Sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. 2aEd, São Paulo; Editora 34, 2009. p.72.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a configuração do tempo na narrativa de ficção. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo, 2010.

RIOS, Peron. **A crítica triangular**. Congresso Nacional da ABRALIC, Rio de Janeiro: Abralic, 2016, p. 220-231

SANTOS, Cybele Regina Melo dos. OS DESAFIOS DE ESCRITORES DURANTE E APÓS O REGIME SALAZARISTA EM PORTUGAL. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA, 28., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]** . Rio de Janeiro: Realize, 2021. p. 918-929. Disponível em: <https://www.abraplip.org.br/downloads/anais-e-resumos/anais-do-xxviii-congresso-2021.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Os Leões em África”: futebol e política no império colonial português (1954). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 589-608, dez. 2019.

SCHAEFFER, Jean-Marie. **Pequeña ecología de los estudios literarios: ¿Por qué y como estudiar la literatura?**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

SERRADO, Ricardo. **O jogo de Salazar**. Casa das Letras – Alfragide, Sociedade Editorial, 2009.

VANOYEKE, Violaine. **La Naissance Des Jeux Olympiques Et Le Sport Dans l'Antiquite**. Les belles lettrres, Paris, 2004.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

WOOD, David. The History of Football and Literature in Brazil (1908-1938). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 744-764, dez. 2019.